SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII

ABRIL E MAIO DE 1971

N.os 312/313

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

DOMINGO—DIA DE DESCANSO?

Por EDUARDO RIBEIRO

O descanso semanal ao domingo é princípio básico da legislação de trabalho em Portugal, que só excepcionalmente e para actividades especiais permite observá-lo noutro dia da semana. Particularmente o Comércio fecha ao domingo, com excepção de alguns ramos que se presumem de tão premente necessidade que o seu encerramento traria dificuldades ao abastecimento público. Acontecem, por isso, situações curiosas. As farmácias revezam-se para que muitas estejam encerradas, enquanto as casas de vinhos estão todas abertas talvez porque se presume de imperiosa necessidade o abastecimento de bebidas alcoólicas. Os talhos encerram em Lisboa à segunda-feira, mas no Porto estão fechados ao domingo, parece que sem inconveniente. Também os mercados e as lojas de frutas têm permissão para funcionar ao domingo, enquanto na vizinha Espanha se conservam encerrados sem prejuízo de maior.

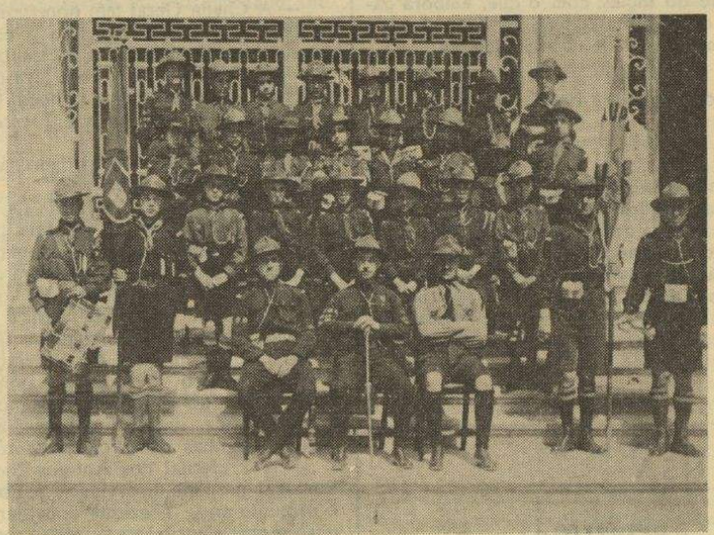
As facilidades concedidas a alguns destes ramos de negócio têm servido para iludir o cumprimento da lei. As casas de vinhos, as leitarias, as lojas de frutas vendem normalmente ao domingo quase todos os artigos de mercearia, uns, um tanto à socapa, outros, com inteira liberdade, o que gera uma situação irregular de autêntica concorrência desleal, que tem frequentemente levantado justos protestos dos comerciantes prejudicados.

Presentemente, porém, surgiu novo factor de infracção da lei. Não sabemos com que fundamento, os chamados *supermercados*, que estão surgindo por toda a parte, conservam-se abertos aos domingos, e o público pode adquirir aqui todos os artigos que pretenda, numa liberdade que nos parece incompatível com a legislação do trabalho e que se revela gravemente atentória dos interesses do comércio em geral, que observa a lei.

O princípio do descanso semanal perde-se nas brumas dos séculos. Moisés, o grande legislador hebreu, estabeleceu no Decálogo do Sinai: «*Lembra-te do dia de sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro*». O dia de descanso — sábado significa descanso — embora seja apresentado com sentido religioso, seria um princípio já observado visto que Moisés se limita a lembrar o seu cumprimento. No entanto, toda a lei de Moisés, ainda hoje apreciada com admiração pelos legisladores dos nossos dias, se revela notável pelo seu carácter científico, contendo normas de direito ainda hoje observadas e que preservam e defendem a vida humana. Está hoje provado que o descanso de um dia em cada sete é indispensável ao equilíbrio físico e mental do homem. Aquele que trabalha sem interrupção vai dia a dia diminuindo a sua vitalidade, esgotando-se. Estudos rigorosos vieram provar que a pausa de um dia em sete, longe de representar desperdício de homens-hora, promove útil

Continua na pág. 11

OS 59 ANOS DO GRUPO UM



Em 9 do mês de Abril, passou mais um aniversário do Grupo n.° 1 dos Escoteiros de Portugal — o 59.°.

Unidade escotista das mais gloriosas entre todas as que têm florescido em Portugal, o aniversário deste Grupo devia ser uma data que todos os escoteiros portugueses deviam recordar com orgulho. Porquê? poderá perguntar-se. Com orgulho, porque o Um dos seus primeiros tempos é uma categórica afirmação de que é possível fazer escotismo, e do melhor, na nossa terra. Com orgulho, porque esse grupo é uma demonstração de que se pode dar tal formação aos jovens que lhes permita, mais tarde, ocuparem, honrosa e até brilhantemente, os seus lugares na sociedade.

Eis uma imagem dalguns escoteiros desse grupo que está datada de 10 de Junho de 1916. Reconhecem-se alguns dos escoteiros ali presentes, que ainda estão connosco.

Outros, já se nos anteciparam na grande viagem que todos havemos de empreender.

Honra aos rapazes que, decorridos quase sessenta anos, ainda se mostram dignos de ser olhados com admiração!

NÚMERO DUPLO, DEDICADO À I EXPOSIÇÃO ITINERANTE DA IMPRENSA ESCOTISTA



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O Pow-Wow do Velho Lobo

A Lei é a base fundamental do Escotismo. Se algum dia meditastes, como é vosso dever, esse dez artigos, por certo vos impressionou a sua simplicidade e a sua clareza. Comparei-os já uma vez ao Decálogo de Moisés: agora vo-lo repito. As razões por que o faço são muito simples: ambas as Leis têm uma base moral, com vista à orientação individual e colectiva. A Lei de Moisés visa ao aperfeiçoamento moral do crente e da sociedade composta de crentes; a Lei do Escoteiro pretende o vosso aperfeiçoamento moral e da sociedade que um dia vos contará como seus membros.

Assentemos, porém, desde já nesta verdade: a Lei do Escoteiro não impõe, *insinua*. Esta insinuação é *todo* o segredo do Escotismo. Reparai, por exemplo, no tom categórico de alguns dos preceitos moisaicos; seja este: «*Não matarás*». Ordem imperiosa, preceito cominatório a impressionar fortemente as consciências, norma imperativa por detrás da qual sentimos, ouvimos a Voz forte e potente que retumbou outrora pelas solidões do Sinai, entre raios, relâmpagos e trovões!... Na verdade, meus rapazes, impressiona. E no entanto, apesar desse tom imperativo, dessa ordem imperiosa, que traduzia uma proibição cheia de humanidade e de amor ao próximo, quantos e quantos crimes não enchem as páginas da história do povo de Israel, ainda mesmo quando ele não atingira o país de Canaã!

Reparai agora na simplicidade lógica da nossa Lei. Comecemos pela 1.ª, tal como B.-P. a ensinou, pela primeira vez, há mais de 40 anos. Pena é que eu vo-la não possa traduzir literalmente do inglês, com o que, embora ganhe correcção formal da nossa língua, perde muito a impressividade da frase inglesa:

Deve confiar-se na honra do Escoteiro

(A Scout's Honour is to be trusted)

Reparai que em inglês foi uma forma verbal de extrema simplicidade — *is (é)* — que B.-P. empregou. *É* — quer dizer: temos de admitir o facto como verdade incontestável; não pode, sequer, duvidar-se de que não se possa confiar na honra do Escoteiro.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

IMPRENSA

«PORTUGAL»

Acaba de ser publicado o n.º 9, referente ao mês de Março, das edições em inglês e francês deste interessante Boletim, publicado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Trata-se de um excelente órgão de propaganda das belezas do nosso país, dos costumes do povo português e de todas as actividades peculiares às nossas gentes.

De belo aspecto gráfico, estamos convencidos de que «Portugal» é uma positiva contribuição para o melhor conhecimento do nosso país além-fronteiras.

Escotismo em Angola

Grupo n.º 36 — «Diogo Cão»

Programa Radiofónico no Rádio Clube de Benguela

O Grupo n.º 39 de Benguela, convidou o «36» a participar no programa que regularmente é emitido aos sábados, às 16 horas, naquele Posto. O Grupo de Luanda aceitou o convite e vai começar em breve a sua colaboração naquelas emissões.

Actividades do ar livre

Têm sido promovidas diversas actividades de ar livre, nas quais os escoteiros vêm participando com o maior entusiasmo. Assim, em 6 e 7 de Fevereiro, foi traçada uma pista de 15 km. em que foram utilizadas diversas técnicas escoteiras. Foi também realizado um grande jogo de patrulhas.

Em 14, houve gincana de bicicletas, e no dia 22, um exercício de homográfico. Em 4 de Abril, disputou-se outro jogo com grande entusiasmo.

Insígnia de madeira

Em 17 de Abril, realizou-se na sede uma cerimónia para fazer entrega ao Chefe Ajudante José António Ribeiro e Cunha da insígnia e diploma da parte preliminar do Curso da Insígnia de Madeira, tendo os escoteiros oferecido um chá a este Dirigente.

Dia do escoteiro

Para comemorar o Dia do Escoteiro, que se comemorou em 23 de Abril, o Grupo decorou com motivos escoteiros duas montras de estabelecimentos comerciais na cidade, que foram postas à sua disposição pelos seus proprietários, pais de escoteiros. — C.

Fique sabendo que...

— A Chefia Geral tem oportunidade de organizar actividades referentes a espeleologia, montanhismo, mergulho e caça submarina.

— O Núcleo B de Lisboa leva a efeito um concurso interpatrulhas e também de guias de patrulha, em que o lema é *Escoteiro do Século XX*.

O nosso jornal foi convidado para membro do júri destes concursos.

— Está em curso a criação de um seguro escoteiro. Os Serviços Centrais possuem já elementos numerosos, que oportunamente serão dados a conhecer aos grupos, para que tão útil serviço possa estar ao alcance de todos.

— A Secretaria Mundial insiste por que as associações escotistas portuguesas façam a sua união e se organizem numa Federação.

— O Núcleo A de Lisboa prepara-se em grande força no ramo do Escotismo de Extensão, pelo que, dentro em breve, apresentará várias patrulhas de escoteiros surdos-mudos.

— A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal prepara uma viagem a Londres para o próximo ano. Tenciona convidar um escoteiro a participar nessa viagem.

— O Grupo 8 tem em funcionamento uma secção fotográfica, onde todos os escoteiros podem efectuar todos os trabalhos de revelação, reprodução, ampliação, etc. Foram publicadas as normas de utilização da aparelhagem.

Campo-Escola do CNE em Fraião (Braga)

No próximo Verão, realiza-se neste Campo-Escola um Curso da Insígnia de Madeira ou do Bosque. Admite-se a possibilidade da presença dalguns escoteiros espanhóis.



GRUPO N.º 17

Terminada a Exposição da Imprensa Escoteira Mundial, no Porto, o Chefe do Grupo n.º 17 dos Escoteiros de Portugal, sr. Manuel da Silva Teixeira, fez publicar uma Ordem de Serviço na qual louva todos os elementos do seu grupo que colaboraram na montagem e inauguração daquele certame, distinguindo os dirigentes srs. Horácio José de Paiva e José Alberto Teixeira Cerqueira, caminheiro António José Mesquita da Silva, guia de patrulha António Rodrigo Pereira Lima e Escoteiro Carlos Duarte da Silva.

Na mesma ordem, louva e agradece a colaboração dos membros do C. N. E. que cooperaram na iniciativa e cujos nomes citámos já noutro local.

Um soldado-escoteiro premiado pelo Governador-Geral da Guiné

O Governador-Geral da Guiné distinguiu com um prémio de uma visita à Metrópole o soldado José Alberto Franco de Castro.

Trata-se do chefe do Clã do Grupo 24, do Funchal, que teve jus a este prémio pelo bom trabalho desenvolvido nos centros de instrução de nativos onde pôs em prática os conhecimentos escotistas de condução de rapazes.

São daquele escoteiro madeirense estas palavras, aquando da sua estada em Lisboa, no final do ano passado:

— No meu posto escolar, consegui levar aquelas crianças a saber o que significa a flor-de-lis com as quinas e a palavra Escotismo. Tenho podido fazer com que algumas entidades me ajudem a comprar as fardas para as crianças, algumas das quais já estão fardadas. Tudo tenho feito para que elas não vejam apenas em mim o professor, mas também um amigo ou «Papá Branco», como eles me chamam. Essas crianças têm feito, sob as minhas indicações, os seus próprios utensílios, como, por exemplo, uma pasta de pano para guardarem os livros e cadernos.

Eis um bom exemplo escoteiro, que merece ser conhecido de todos os escoteiros portugueses.

Engenheiro Salvador Fernandez

Este ilustre membro da Secretaria Mundial do Escotismo, onde desempenha as funções de Secretário-Geral Adjunto, cuja simpatia pelo escotismo português e, particularmente, pelo «Sempre Pronto» tem sido bastas vezes demonstrada, acaba de se naturalizar espanhol.

O Eng.º Salvador Fernandez nasceu em Cuba, mas era filho de pais espanhóis.

O conhecido dirigente escotista que esteve recentemente em Espanha para cumprir os últimos trâmites do processo de nacionalização, aproveitou a oportunidade para contactar com os escoteiros espanhóis de Madrid e Barcelona, tendo abordado vários problemas, entre os quais o de coordenar a participação da Secretaria Mundial do Escotismo num Congresso sobre informação e documentação que o Instituto Nacional da Juventude do país irmão vai promover no próximo Verão.

A interferência de Salvador Fernandez na resolução dos problemas que lhe foram postos mostrou-se muito frutuosa.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Para ti, irmão escoteiro

Não sei se te deva perguntar se soubeste aproveitar o maravilhoso Outono que 1970 nos ofereceu e se te tens mostrado hábil na escolha das actividades de ar livre aconselháveis para a quadra que presentemente estamos a atravessar.

A rotina que muitas vezes envolve as reuniões de sede, o meio mais eficiente para asfixiar o trabalho da patrulha e causar aborrecimento e saturação nos teus companheiros, faz esquecer que o Escotismo é normalmente um movimento do ar livre. Nota bem: — movimento. Esta palavra tem legítima aplicação no Escotismo. Ora, se escotismo é movimento, não pode ser paralisação.

O Inverno não deve trazer quebra da actividade da patrulha. B.-P. defendia constantemente o princípio do escotismo em todo o tempo. *E, apesar de ele ter passado grandes períodos da sua vida em países de clima inóspito, que não é o caso de Portugal, como ele sabia praticar escotismo em tempo invernoso!*

Tem sempre esta ideia diante de ti: escotismo em todo o tempo. *Não deixes afrouxar o entusiasmo dos teus rapazes, encerrando o escotismo na sede, quando há maravilhosos dias de Inverno em que os campos se mostram belamente engalanados, como não os encontrarás no Verão.*

Aproveita os tempos livres. Planeia — planeia mesmo — as actividades de campo para estes dias de Inverno.

Um abraço do

IRMÃO ESCOTEIRO

Socorros em casos de urgência



Os escoteiros recebem formação para actuarem em caso de urgência. Em geral, têm dado provas, nestas circunstâncias, de perícia e de coragem.

Porém, os manuais não podem prever todas as situações. Em face dos recentes incêndios em florestas que, agravados pela ventania, causaram mortos em diversas partes do mundo, cremos seja útil publicar aqui um documento emitido pela Associação dos Escoteiros da Austrália.

Por outro lado, talvez nem todos os nossos leitores conheçam as mais recentes técnicas de salvamento utilizadas pelos escoteiros do Canadá.

Ei-las:

Como sobreviver a um incêndio na floresta?

NADA DE PÂNICO. O pânico mina a energia nervosa e muscular e falseia o julgamento. Não corras senão quando for absolutamente necessário. Diminui a respiração quando o fumo for denso e aguarda lufadas de ar limpo para encher os pulmões. O ar ao nível do solo é mais limpo e fresco. Resiste à tentação de correr quando o fogo te rodear, a não ser que não tenhas boas probabilidades de escapar.

SE DECIDIRES FUGIR. Procura sempre descer, porque o fogo tem sempre tendência para trepar. Tenta contornar o fogo pelos flancos a fim de te colocares atrás dele. Não hesites diante das chamas. Se tens de as atravessar para fugir, cobre ràpidamente todas as partes do corpo que estão expostas, sustém a respiração e salta, o mais velozmente possível, para o sector já desvastado pelo fogo. Não tentes atravessar chamas com mais de 1,50 m. de altura e de 9 metros de profundidade ou um terreno onde o fogo está ao nível do chão.

SE NÃO PUDERES ABANDONAR O LOCAL. Se uma parede de altas chamas te impede de escapares, ateia um fogo sobre uma superfície de cerca de 6 metros e mantém-te na parte queimada do terreno. Procura todo o abrigo possível contra o calor. Refugia-te num regato ou num tanque, mas nunca num reservatório de água acima do nível do solo (ninguém pode sobreviver mais de três minutos imerso em água a 45 graus C., além de que o fumo invadiria ràpidamente um tal reservatório). Se não há regato ou tanque nas proximidades, procura um terreno com um mínimo de vegetação possível. Utiliza as raízes os troncos, as rochas e as ravinas como abrigo contra o calor. Deita-te no solo, cobrindo-te o mais possível. Melhor ainda: enterra-te. *As probabilidades de escapares serão boas se te mantiveres calmo.*

Como flutuar?

Para evitar a fadiga, quando estiveres na água durante um longo período, procede da seguinte forma:

Primeiro tempo: Repouso. Mantém o corpo direito, a cabeça inclinada para a frente, pernas e braços em movimentos frouxos. Deixa-te vir à superfície, mantendo a cabeça dentro da água. Não faças qualquer esforço para emergir, senão acabas por te fatigar ràpidamente.

Segundo tempo: Prepara-te. Assim que tenhas chegado à superfície e que o alto da cabeça tenha saído da água, levanta lentamente os braços e afasta as pernas para poderes dar um golpe rápido de tesoura.

Terceiro tempo: Respiração. Não tentes reter por muito tempo a respiração. Não

Continua na página 11

A imprensa disse que:

— ... Na Inglaterra, segundo relato de «O Século», um senhor chamado Jack England, que foi guarda-redes do Exeter-City, actividade que abandonou em 1936, resolveu voltar... para chefe de escoteiros. Isto com a idade de 74 anos!

Os escoteiros mais miúdos estão contentíssimos por serem dirigidos por quem sabe muitas histórias de futebol e conta coisas sobre grandes defesas. Só a mulher é que não parece contente: «E eu que estava convencida de que ele tinha chegado finalmente à idade da razão!»

Embora contrariando a voz da esposa, achamos que o sr. Jack chegou mesmo à idade da razão... embora um pouco tarde.

— ... Se Baden-Powell fosse vivo, por certo não aprovaria a decisão dos escoteiros de Sutton Coldfield, os quais, segundo o «Diário-Popular», fartos de comer a comida que eles próprios confeccionavam nos acampamentos, decidiram fazer um contrato com um restaurante.

Assim, a horas e em locais prèviamente escolhidos, são-lhe fornecidas apetitosas refeições, quentes e variadas.

Esta notícia brada aos céus, mas não é inédita. Na Costa da Caparica já vimos alguns escoteiros ir de marmita feita à FNAT...

— ... Para facilitar aos turistas a visita à cidade de Chur, foi esta dividida, como nos diz «A Voz de Azeméis», em duas zonas: numa, os passeios mostravam-se com pegadas a vermelho, noutra a verde.

Assim, o forasteiro não têm mais do que seguir as pegadas para percorrer os recantos mais importantes de Chur.

As pistas foram traçadas por escoteiros mudos de Chur.

Em Lisboa, apesar de muito «falatório» nem uma «pegadazinha» mostra início de coisa que se veja.

Rato de Imprensa

Técnicas de Observação

AS AVES

Por Gamo Ligeiro

(Continuação do n.º 300)

As aves na Natureza

Cada espécie de ave tem o seu regime alimentar próprio (insectos, peixes, grãos, etc.) e constrói o ninho adoptando determinados materiais (madeira, erva, musgo, palha, etc.).

A forma das patas, do bico, dalgumas partes do corpo e suas funções motivam a preferência da ave pelos materiais a empregar.

A área de radicação de grande número de aves encontra-se, por isso, limitada a lugares bem definidos: floresta, beira-mar, etc. Nas nossas observações, vemos com frequência uma ave num lugar que não é o seu domínio habitual, o que sucede, vezes sem conta, com algumas espécies no decurso da sua emigração.

Na cidade

No Inverno pode-se observar nas cidades elevado número de ninhos de *pardais*, cujos materiais variados (lã, papel, palha) caem dos buracos das paredes.

O ninho dos *pombos bravos* construído, é composto de raminhos, através dos quais, na Primavera, se distinguém dois ovos brancos. Os *melros*, nos prados, colhem do solo vermes e insectos. O melro preto de bico amarelo distingue-se fàcilmente da fêmea, porque esta é acastanhada.

Estorninhos, em bandos cerrados, descem em grupos sobre os monumentos para aí passarem a noite. Alguns juntam-se aos melros sobre a relva. Os próprios *tentilhões* aventuram-se, por vezes, a ir até aos jardins públicos.

A partir do fim do Inverno, os *tentilhões* cortejam-se: os machos passeiam, arrulhando, a

Continua na página 11



Dr. Alfredo Luazes Meyer

Mais uma importante figura da vida social portuguesa e antigo escoteiro que desaparece.

O Dr. Luazes Meyer, que na sua mocidade pertenceu ao Grupo n.° 11 dos Escoteiros de Portugal que funcionou no Liceu de Camões, e guardou sempre pelo nosso movimento e pelos camaradas que nele conheceu a maior das simpatias, era um ilustre clínico de Lisboa, muito conceituado.

Nasceu em Lisboa em 16 de Dezembro de 1910, licenciou-se em 1935 na Faculdade de Medicina desta cidade. Em 1936, foi nomeado interno dos Hospitais Civis de Lisboa, e mais tarde, assistente e director dos Serviços de Fisioterapia, e ainda presidente da Sociedade de Medicina Física e de Recuperação, especialidades sobre as quais publicou vários trabalhos de investigação.

De famílias pobres, o seu amor ao estudo mereceu o interesse de pessoas amigas, conseguindo guindar-se à posição a que chegou.

O Dr. Luazes Meyer chefiou ainda o grupo n.° 107 que teve a sede na Parede. Mais tarde, tendo sido escolhido para Secretário das Relações Internacionais, não chegou a ocupar este posto. Fez ainda parte do contingente português que foi ao Jambori da Maioridade, em 1929.

Bom espírito, amigo dedicado, o ilustre finado mostrou sempre amizade pelos necessitados. Ainda recentemente custeara os estudos da filha de um caseiro, o que prova o elevado sentido que possuía da gratidão.

Era casado com a sr.ª D. Palmira Lis do Amaral Luazes Meyer e pai do sr. Dr. António Augusto do Amaral Luazes Meyer, a quem apresentamos manifestações de muito pesar.

Eng.º Jorge Botelho Brotas Cardoso

No dia 21 do passado mês de Março, faleceu repentinamente este antigo dirigente escotista, que contava 58 anos de idade, quando muito ainda havia a esperar da sua actividade.



O Eng.º Jorge Brotas Cardoso, tendo à esquerda, ao centro, o malogrado Conde Folke Bernardotte, assassinado em 1948 na Palestina, e um escoteiro sueco.

Antigo chefe do Grupo n.° 16, de Carcavelos, o Eng.° Jorge Brotas Cardoso chefiou o contingente da AEP ao Jambori da Paz, em 1947, em Moisson.

Em 1948, foi nomeado escoteiro-chefe geral e, mais tarde, assumiu interinamente as funções de presidente da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Em 1949, representou os Escoteiros de Portugal na 12.ª Conferência Internacional de Escotismo, que se realizou em Elvesaeter, na Noruega, logo após o 4.° *Rover-Moot* Mundial.

Tendo-se depois afastado da actividade do nosso movimento, o Eng.° Brotas Cardoso continuou sempre a seguir com interesse as evoluções do Escotismo em Portugal, por que demonstrou sempre o maior interesse.

Assim, tendo sido recentemente reorganizado o Grupo n.° 16, de Carcavelos, foi o Eng.° Brotas Cardoso convidado para presidir à sua Direcção, lugar que aceitou e que estava desempenhando presentemente com a maior dedicação.

O extinto era casado com a sr.ª D. Gisèle Odete Juliette Couronné Cardoso, a quem apresentamos os nossos pêsames.

Escotismo em Carcavelos

Novas perspectivas para o Grupo n.° 16

No fim de semana de 14 e 15 de Março passado, o Grupo n.° 16 de Carcavelos efectuou um acampamento na Quinta Nova, tendo recebido a visita de 8 membros do Grupo n.° 5 e 19, sob a direcção do Chefe Lopes, bem como de 5 membros do Grupo da Parede e o Corpo Nacional de Escutas.

No Domingo, à tarde, no adro da Igreja de Carcavelos, realizou-se a cerimónia de promessa de novos escoteiros, entrega de insígnias de 2.ª classe e cordões de mérito. Dirigiu o acto o Chefe Amaral e estiveram presentes o sr. Presidente da Junta de Freguesia e o Prior da Paróquia, e ainda os membros da Direcção do Grupo srs. Eng.° Brotas Cardoso e Wolf Karl.

No sábado e no salão da Junta de Freguesia, realizou-se um colóquio com os pais dos escoteiros, que foi orientado pelo Rev. Padre Aleixo e pelo Eng.° Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto

Nova situação para o Grupo n.° 16

A Associação Cristã da Mocidade vai criar um departamento em Carcavelos servindo-se das instalações do Seminário Teológico Presbiteriano, que foram gentilmente postas à sua disposição, em virtude daquela Instituição se ter transferido para outro local. A A. C. M. propõe-se realizar uma interessante obra entre a juventude e está pronta a patrocinar o Grupo n.° 16, oferecendo-lhe sede e integrando-o no seu programa, nas mesmas condições do Grupo n.° 1.

Esta nova situação abre as melhores perspectivas ao Grupo n.° 16, que conseguirá finalmente dispor de uma sede em condições.

DE CUCUJÃES

Grupo n.° 18

Este grupo conta agora com uma nova sede, instalada numa antiga garagem e anexo, estando a proceder a obras de restauro. O endereço é o seguinte: Lugar de Santa Luzia — Edifício da Misericórdia — Cucujães (Oliveira de Azeméis).

A nova sede deve-se ao bom espírito de compreensão da Direcção da Santa Casa da Misericórdia daquela vila e ao interesse manifestado pelo sr. Israel Cunha, presidente da Junta de Freguesia.

Entre os escoteiros do 18 reina grande entusiasmo devido à obtenção da nova sede.

XXXIII POEMETO FILATÉLICO

Diante do selo comemorativo da Exposição Universal de Osaca.

Quatro séculos passaram
(e mais uma geração)
desde que os Portugueses,
com grande espanto, aportaram
ao misterioso Japão.
Levam pólvora, e ousadia
em vitórias e reveses,
àquelas estranhas ilhas,
e a prova bem evidente
de que o mundo se estendia
por muitas e muitas milhas
para além no Ocidente ...
Em Osaca foi presente
a fecunda simbiose,
a maravilhosa osmose
do Leste e do Ocidente.

Eduardo Moreira

XXXIV POEMETO FILATÉLICO

Diante do selo comemorativo do 1.º Centenário do lançamento do Cabo Submarino Portugal-Inglaterra.

Admirável ferramenta,
De engenhosa concepção,
Força indomável aguenta
Para a comunicação.

Exemplo é, com cem anos
Que não nega meios novos
De, por ares e Oceanos
Pôr em contacto dois povos.

O cabo que assim se lança
Não cede a perturbações.
Assim fosse a aliança
Entre os povos e as nações !

Eduardo Moreira

Arnaldo Eduardo Couto

Este nosso estimado amigo, chefe do Núcleo de Vila Nova de Gaia dos Escoteiros de Portugal e dedicado dirigente nortenho de longa data, foi recentemente vítima de um acidente de viação, de que, por informações que recebemos, se encontra já em franco restabelecimento.

Lamentando o triste acontecimento, fazemos votos de rápido restabelecimento e de um breve regresso às suas actividades.

UMA GRANDE CAMPANHA

MAIS DUZENTAS ASSINATURAS!

«Sempre Pronto» vai entrar numa nova época de trabalho. Está em pleno desenvolvimento um trabalho de reorganização dos serviços, esperamos poder contar com novos colaboradores, pretende-se alargar o número de páginas de forma a permitir uma colaboração mais variada, novas secções, maior interesse para os seus leitores.

Para conseguir estes objectivos é, porém, essencial aumentar a tiragem. Já que temos a satisfação de contar com um número de assinantes dedicadíssimos, que nos acompanham há muito tempo, parece que não será difícil a partir daí conseguir um substancial aumento de assinaturas, que nos permita enveredar pela despesa de publicar pelo menos mais quatro páginas.

Precisamos de mais 200 assinaturas. Contamos atingir este alvo com a ajuda dos nossos leitores e amigos. Fazemos um apelo muito especial para que cada assinante faça um esforço para angariar, pelo menos, dois novos assinantes. Para que esta campanha dê os resultados que procuramos é, porém, essencial que esse esforço seja conjunto e realizado num período limitado. Maio é o mês indicado para o maior esforço. Quantos assinantes vamos conseguir neste mês? É o prezado Leitor que pode dar resposta a esta interrogação. Se simpatiza com o nosso trabalho, se lhe parece que «Sempre Pronto» vem realizando uma tarefa útil a bem do Escotismo, a bem da Juventude, ajude-nos.

Mande-nos já uma nova assinatura!

* * *

Todos os proponentes de, pelo menos, uma assinatura, que nos seja enviada durante o mês de Junho acompanhada de Esc. 30$00 para pagamento do primeiro ano, receberão como prémio um exemplar do manual escoteiro de 1ª classe «MAIS ALÉM», obra valiosa que interessa a toda a gente pelos ensinamentos que contém.

Portanto, todos os proponentes de novos assinantes que em Junho correspondam a este apelo participando na CAMPANHA DE ASSINATURAS receberão um prémio. Quem vem em nosso auxílio?

Os antigos escoteiros promovem uma excursão para visitar a casa de Baden-Powell e prestar homenagem ao fundador do Escotismo

A ideia surgiu na reunião de Tertúlia de 23 de Março, por ocasião da passagem do 21.º aniversário da fundação da Fraternal. Promover uma viagem a Londres! Foi constituída uma Comissão Promotora desta actividade, que ficou composta pelos srs. Albano da Silva, Amílcar Fernandes, Eduardo Xavier, Ernesto Clímaco do Nascimento e Wolf Karl, que entrou já em actividade e lançou um apelo para que todos os interessados se inscrevam até 30 de Abril corrente.

A excursão será feita de avião e inclui acomodação num bom hotel em Londres e será efectuada nos princípios do mês de Março de 1972. A partida de Lisboa será numa sexta-feira e o regresso na segunda-feira seguinte.

O preço desta excursão, que incluirá ainda algumas outras vantagens a assinalar oportunamente, será apenas de Esc. 2.000$00, preço verdadeiramente aliciante, que será extensivo também a todos os Escoteiros do activo. Trata-se de uma iniciativa interessante, de especial significado para todos aqueles que se alistaram alguma vez nas fileiras do Escotismo, que se podem fazer acompanhar de pessoas de suas famílias.

A inscrição pode ser feita na sede da Fraternal ou através do sr. Amílcar Fernandes, na rua dos Douradores, n.os 76 e 78, em Lisboa, telefone 362262.

Vamos, portanto, a Londres em Março do próximo ano.

Prof. Edmundo Lima Basto

A propósito do falecimento deste prestigioso cientista e dedicado antigo escoteiro, escreve-nos sua viúva, sr.ª D. Solveig H Lima Basto a agradecer-nos a notícia que «Sempre Pronto» publicou a respeito do infausto acontecimento, com as seguintes amáveis palavras:

«Em meu nome e dos meus filhos, venho agradecer a V. a homenagem prestada a meu marido no seu jornal «Sempre Pronto».

«Apesar do grande desgosto que nos enlutou, gostámos de ler o artigo e ver as fotografias da sua mocidade Aliás, sabia que meu marido era um grande amigo dos escoteiros e falava sempre com saudade desse tempo».

Agradecemos, sensibilizados, esta atenção.

Literatura para os novos

O interessante livrinho de Reinaldo Ferreira (Néorx), *«O Teatrinho da Escola», que acaba de sair em 4.ª edição (106 pg., Papelaria Fernandes* Ed., *1971), cujo exemplar tenho por oferta gentil do Autor, leva-me a escrever umas linhas bem sinceras acerca deste momentoso assunto: a literatura adequada à infância e à adolescência.*

Ainda não há muito eu escrevia noutro lugar, a respeito de duas também interessantes obras da professora, escritora e jornalista D. Matilde Rosa Araújo, «O Cantar de Tila» e «O Livro de Tila», o que se aplica muito propositadamente aqui acerca das pequenas «peças e recitativos para todas as classes do ensino primário» como se nos apresenta pela quarta vez, numa invulgar vitória, o «Teatrinho da Escola» de Reinaldo Ferreira, o operoso e hábil director de «O Educador», iniciador do «Grupo dos Amigos dos Animais e das Plantas» com o seu anual passeio do «Pão dos Pombos» (que inclui a útil cremação das fisgas).

Escrevia eu: «Oxalá nos novos meios de comunicação, T V e Rádio, etc., essa compreensão (do valor da criança) cresça, evitando-se excitações desmesuradas; e que se não dirija a «miúdos», como «bibelots» para exibição da vaidade materna, ou como rebotalho social, esquecido até, como David estava esquecido de seu pai quando Samuel visitou este para escolha do futuro rei».

Conheceis a história bíblica? Pois o rapaz esquecido, o mais novo dos irmãos, seria rei.

Agora o que desejamos é que todos venham a ser cidadãos conscientes, úteis e empreendedores.

Pois bem: no «Teatrinho» de Reinaldo Ferreira o adolescente é um amador *que «pisa o palco», é alguém que a si mesmo se encontra e pouco a pouco se sobrepuja, numa escola que está ganhando foros, não já como simples recreio dos «furiosos dramáticos» de outrora mas como útil extensão da Escola e da Família.*

* * *

Pois senhores: mal acabava de fechar o volume de que falo acima, já outro do mesmo Autor surge na minha banca, de capa igualmente vistosa e atraente pelo título: «Recreio Teatral — Comédias para récitas escolares». O Autor, amigo dos novos, como o tem demonstrado afadigadamente no anual «Pão para os Pombos» e na preparação tão cuidadosa e pontual de «O Educador», é um amante das letras, e no campo que escolheu para cultivar marcou, com simpática operosidade e saber, em estro, psicologia, imaginação. O seu diálogo, essencial em arte dramática, corre com a naturalidade própria de quem já foi ensaiador na Escola do Magistério Primário. Enfim, é muito de desejar, e de esperar, que um êxito crescente coroe estes trabalhos.

Eduardo Moreira

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

Reuniões mensais do Grupo

Reatou-se esta tradição no 52, voltando a realizar-se estas reuniões, que alcançaram bom nível.

Visitas culturais

Foram realizadas visitas culturais e de estudo para os componentes deste Grupo, começando pelo histórico Castelo de S. João Baptista, no Monte Brasil, sob a orientação do Chefe Moniz Silva.

Seguiu-se uma visita às instalações fabris da Unicol (União de Cooperativas de Lactícinios Terceirense), merecendo especial interesse a moderna fábrica de leite em pó. Acompanharam esta visita os dirigentes, E. C. Moniz Silva e prof. Leopoldino Tavares.

Aniversário da Patrulha Leão

A Patrulha «Leão», comemorou festivamente o 2.º aniversário da sua fundação, com uma reunião, na qual tomaram parte, além dos componentes da Patrulha, o E. C. Moniz Silva, o Rev. Dr. Vasco Parreira, o Cam.º Manuel do Carmo, e os companheiros micaelenses visitantes, Francisco Simas (do Grupo 80 da AEP) e António José Pacheco (do 107 do CNE), ambos de Ponta Delgada. Foram ainda convidados os guias das restantes patrulhas do Grupo.

O Chefe Moniz Silva manifestou o seu agrado pelo espírito de fraternidade que notou na reunião, e todos os presentes fizeram declarações apropriadas.

Escoteiros Micaelenses

Têm estado nesta Ilha, a prestar serviço militar, alguns escoteiros de Ponta Delgada, da vizinha Ilha de S. Miguel.

Entre eles destacamos os caminheiros, Francisco Simas, do Grupo 80 da AEP, e o António José Pacheco, do CNE, que têm comparecido a algumas reuniões do 52 e acamaradado com os nossos rapazes nas suas actividades, num perfeito espírito de fraternidade e compreensão do Ideal Escotista.

O António José partiu recentemente para a cidade do Porto em serviço de especialização. Antes, porém, voltou a afirmar a sua satisfação pela maneira fraternal como fora recebido no Grupo 52 e manifestou o seu regozijo por pertencer ao Movimento Escotista.

Baden-Powell

Integrado nas comemorações do aniversário do nosso Fundador, o E. C. J. R. Moniz Silva, como é tradicional, realizou uma palestra sobre a vida de Baden-Powell, aos microfones do Rádio Clube de Angra.

Reunião anual dos lobitos americanos («Blue & Gold Banquet»)

Na sala principal da cantina do «*Airmen's Club*», na estação americana da B. A. n.º 4 (Lajes), realizou-se em 25 de Fevereiro, uma sessão comemorativa do 20.º aniversário da «*Pack 1*» *(Cub Scouts)* dos *Boy Scouts of America*, em cuja fundação o Chefe Moniz Silva, teve papel de relevo.

Presidiu à reunião o Coronel Al. Chalifond, da USAF, em representação do General Johnson, e na mesa de honra encontravam-se ainda, além do E. C. Moniz Silva, William Dell (dirigente de zona dos BSA), James Gallagher (Chefe de Alcateia) e Mrs. Margaret Jimenez (representando a entidade patrocinadora da *Puck 1*, o *club* NCOWC), todos acompanhados dos respectivos consortes.

Foi orador convidado o Chefe Moniz Silva que historiou a fundação daquela unidade escotista americana e fez também, perante a numerosa assistência, várias considerações oportunas sobre os princípios de fraternidade e valor humano que enformam o movimento escotista e que, bem orientados, podem sem dúvida conduzir à tão desejada paz e entendimento entre os homens de boa vontade de todas as nações.

A reunião, que teve 254 convivas, entre lobitos, dirigentes e famílias, foi precedida de jantar volante, e teve a dirigi-la, além do Chefe Gallagher, o dirigente de Zona, William Dell, que recebeu recentemente a Insígnia de Madeira.

No final, os diferentes bandos apresentaram várias pantominas apropriadas e a actividade terminou com a distribuição de numerosas insígnias e recompensas aos lobitos. — C.

Aniversário do Grupo n.º 80 (Ponta Delgada)

Este grupo realizou uma festa comemorativa do seu 43.º aniversário, no passado dia 10 de Janeiro

Fizeram compromisso de honra vários elementos do Grupo, entre Lobitos, Escoteiros e Caminheiros, aumentando assim o efectivo do velho 80.

Foram distribuídas várias estrelas de antiguidade e insígnias de capacidade.

Encerrando a primeira parte da reunião, falou o orador oficial do grupo e muitó apreciado colaborador do 80, sr. Luciano de Resende Mota Vieira, que prendeu a atenção da assistência com a sua palavra fluente.

Seguiu-se a parte recreativa da festa, dedicada aos sócios e famílias, que foi bastante apreciada. — C.

Pequena Imprensa Escoteira

«O Escuta»

O Agrupamento de S. Paulo, em Luanda, do Corpo Nacional de Escutas, publicou com este título um boletim copiografado, cheio de entusiasmo e de promessas. Que elas se concretizem e que «O Escuta» venha a ser um importante órgão da imprensa escoteira.

«O Fogo»

Fomos novamente visitados por este interessante órgão do Agrupamento 278 do CNE, que tem a sua Redacção e Administração no Largo de Santo António, 39, em S. Cosme, Gondomar. Embora copiografado, a sua apresentação é francamente agradável, contendo desenhos de boa factura, artigos de propaganda escotista bem estruturados e informações de muito interesse

Aguardamos novas visitas de «O Fogo» e desejamos-lhe longa vida e continuos êxitos.

«Rumo»

O Agrupamento n.º 300 do Corpo Nacional de Escutas publicou em Abril corrente o primeiro número deste interessante Boletim, como seu órgão oficial, com capas impressas e dezassete páginas copiografadas, mas que se apresenta com bom aspecto e colaboração de bom nível escoteiro e cultural.

Ao Agrupamento do Porto apresentamos felicitações pelo bom trabalho produzido, com sinceros votos de longa vida e progresso ao simpático «Rumo».

«O Gazela»

Tivemos o prazer de receber a visita do primeiro número deste boletim, que se publicou em Nampula, Moçambique, sob o patrocínio do «Eco do Escutismo», que sai em Lourenço Marques.

Propõe-se falar de escotismo, servindo de instrumento de informação para pais e amigos do movimento e, embora se apresente copiografado, tem aspecto agradável. Fazemos votos por longa vida.

Os trabalhadores imigrantes na França

Os Escoteiros Unionistas Franceses interessam-se pelos nossos compatriotas que em França trabalham e ali são explorados. Eis o que publica um recente número da revista L'Équipe Nouvelle:

Calcula-se actualmente em mais de três milhões o número de trabalhadores imigrados em França. Portugueses, Turcos, Italianos e homens da África Negra e do Magreb.

Três milhões, isto é, 6 % da população total. A imigração, em particular do lado português, está ainda longe de ser orientada sistemàticamente, o que é indispensável para evitar que os trabalhadores (chamam-lhe a *main d'oeuvre en or*, o que é muito significativo) vivam em condições inaceitáveis. Visto que a França deixa entrar todos estes estrangeiros, sobretudo porque tem necessidade deles (os Jogos Olímpicos de Grenoble de 1968 sem eles não teriam sido realizados) então que os aloje e os alimente convenientemente e os aceite entre os seus habitantes. Não se trata de os integrar na população, muito pelo contrário, mas permitir-lhes viver como homens em França.

Eles chegam com a ideia de enviar dinheiro para as suas famílias e de voltar para o seu país dentro dalguns anos, com as qualificações que terão obtido. Mas para viver dignamente, eles têm necessidade, além das instalações materiais indispensáveis, de ser aceitos pela população e de conhecer um pouco os franceses. Nestes dois sectores há trabalho a fazer. Não aguardemos que o governo se decida preocupar-se mais de perto com esta questão.

Combater a mentalidade dos franceses que, ao acusarem de «racismo» os brancos dos Estados Unidos, não se dão conta de que eles próprios pecam pela mesma falta.

Alfabetizar os trabalhadores, que disporão então de um mínimo de domínio da língua para se desenvencilharem no seio da sociedade francesa. Vivem connosco, são explorados e trabalham para o desenvolvimento da nossa economia sem mesmo, por vezes, se darem conta disso. Compreendê-los, amá-los, combater com eles pela justiça. Não nos limitemos, como acontece muitas vezes a interessarnos senão pelos aspectos negativos da política. Se nós tivermos oportunidade de o fazer, devemos guardar algum tempo para nos associarmos aos imigrados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.

Vincent, de St. Germain

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

D. Aldegundes Tacão Monteiro

No dia 4 do mês corrente, faleceu em Vila Real de Santo António, a sr.ª D. Aldegundes Tacão Monteiro, viúva do sr. António Monteiro, e mãe do nosso estimado amigo e colaborador sr. Manuel Tacão Monteiro, antigo dirigente dos grupos n.º 60 e 94 e dos srs. Adelino, Vicente e António Tacão Monteiro, antigos escoteiros do grupo n.º 60, e avó dos srs. Daniel e Jorge Tacão Monteiro, antigos escoteiros do grupo n.º 94.

Apresentamos as nossas condolências, em especial ao nosso estimado amigo sr. Manuel Tacão Monteiro.

Dr. Jorge Marques Xavier de Brito

Em 4 de Abril, faleceu no Porto o Sr. Dr. Jorge Marques Xavier de Brito, verificador-chefe aposentado da Alfândega do Porto, casado com a Sr.ª D. Guilhermina Borges Xavier de Brito e irmão do nosso estimado assinante Sr. António Francisco Xavier de Brito, membro do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. À família enlutada, e particularmente ao nosso dedicado amigo sr. Xavier de Brito, apresentamos sentidas condolências.



Comemoração do dia do Pensamento

Os Grupos n.ºs 1, 8 e 94, levaram a efeito, no passado dia 27 de Fevereiro, uma actividade em que prestaram homenagem a B -P.

Para o efeito reuniram-se na Ameixoeira, onde, na Igreja Paroquial, existe uma secção do grupo n.º 8, e assistiram a várias solenidades que aquela secção organizou.

Ao meio dia, durante o serviço religioso realizado na Igreja da Ameixoeira, realizaram-se compromissos de honra de vários escoteiros e também alguns lobitos fizeram a promessa.

Na homília proferida, o padre da freguesia, conhecedor profundo do movimento escoteiro, traçou, em palavras brilhantes, o ideal de B.-P.

Também, em representação do Chefe do Núcleo B de Lisboa, o chefe Armando Inácio, proferiu palavras de incitamento aos novos escoteiros e salientou que os presentes deveriam dar todo o apoio àquele grupo.

Findo o serviço divino, os escoteiros reuniram-se na Quinta de Santa Clara, onde almoçaram e realizaram jogos de confraternização.

Cerca das 4 horas, na sede da Junta de Freguesia, houve uma sessão especial em que novamente o representante do Chefe do Núcleo B salientou a figura e obra do fundador do Escotismo.

A assistência, composta por cerca de 60 escoteiros, e pessoas de família e autoridades locais, apreciou, bastante a palestra daquele dirigente, em que a Lei e a Promessa foram detidamente estudadas.

Seguiu-se um lanche e festa de confraternização entre todos os presentes.

Núcleo «A» de Lisboa

Este Núcleo promoveu nos últimos meses as seguintes actividades:

Um concurso de contos de Natal, no qual foram classificados *ex aequo* dois trabalhos apresentados por escoteiros do Grupo 2.

Um concurso de presépios a que concorreram onze trabalhos e em que se classificaram:

Patrulha Águia. do Grupo 79 — 1.º prémio.

Patrulha Rola, do Grupo 2, — 2.º prémio.

Um concurso de jornais de parede com 50 trabalhos concorrentes, alguns deles de bom espírito escoteiro e artístico, em que se classificaram respectivamente em 1.º e 2.º lugares, os Grupos 79 e 7.

Em 13 de Março passado realizou-se um exercício nocturno designado por «Morcego» com a participação de 9 patrulhas com 42 escoteiros, em que foi classificado nos dois primeiros lugares o Grupo 2.

Efectuou-se ainda um outro exercício designado «Alvorada», a que concorreram 7 patrulhas com 34 elementos, classificando-se em primeiro lugar a Patrulha Cão, do Grupo 2, e em segundo lugar a Patrulha Lobo, do Grupo 7, tendo sido atribuída a mesma classificação por grupos.

Grupo n.º 94

Selos para o Fundo Escoteiro

Este grupo enviou aos serviços centrais a primeira remessa de 1000 selos usados para serem destinados ao Fundo Escoteiro.

Esta oferta deve-se, sobretudo, à colaboração da senhora Graciete Barros, dos serviços administrativos da firma Cetec, que pacientemente tem recortado e guardado os sobrescritos do movimento daquela firma.

Este grupo está já apto a enviar segunda remessa.

Torneio de Futebol de Salão

Os grupos n.ºs 1, 8 e 94 levaram a efeito um torneio de futebol de salão que decorreu durante o passado mês.

Foi vencedor a equipa A do grupo n.º 94, que demonstrou mais uma vez a sua boa técnica neste desporto.

Reunião dos chefes de Lisboa nos Serviços Centrais

No passado dia 23 de Março, realizou-se na sede da A. E. P., uma reunião de Chefes dos Grupos de Lisboa presidida pelo Escoteiro-Chefe Geral, que estava ladeado pelos seus adjuntos.

O Chefe-Geral fez a apreciação do trabalho escotista em Lisboa e apresentou alguns assuntos importantes para o desenvolvimento do movimento, pedindo opiniões dos chefes presentes, que representavam a quase totalidade dos grupos de Lisboa.

«Sempre Pronto»

Administração

A Administração agradece aos assinantes que fizeram remessa do valor de suas assinaturas, os nossos amigos srs. Eduardo de Almeida Trindade, e os Patrocinadores Professor Aníbal Ramos, José Dionísio dos Santos, Dr. Avelino Vieira Pimentel, António Francisco Xavier de Brito, Armando Champlon, António Pacheco da Silva, Arnaldo Pinto, José Manuel de Macedo e Coronel Joaquim S. Duarte Borrego.

Delegação nos Açores

O nosso Delegado nos Açores continua a afirmar-se um dos mais vigorosos esteios de «Sempre Pronto», através de uma colaboração assídua. A Administração acaba de receber um vale de correio de Esc. 1 800$00, de assinaturas de 1970, o que constituiu um valioso auxílio ao nosso jornal. Agradecemos a colaboração do nosso Delegado e o apoio de todos os nossos Assinantes açorianos.

Cobrança de Assinaturas

Encontra-se quase actualizado o serviço de cobrança de assinaturas e é para nós muito desvanecedor poder registar que os nossos assinantes corresponderam ao nosso apelo e satisfizeram os recibos apresentados com uma prontidão que nos sensibilizou e serviu para evidenciar o interesse que todos põem no seu jornal escoteiro. Agradecemos e pedimos desculpa do atraso que se verificou, que esperamos não se volte a repetir, afirmando o nosso desejo de aproveitar tão grandes dedicações para melhorar o «Sempre Pronto» para que tenha mais interesse ainda para os seus amigos e leitores.

Humberto Martins

Este nosso estimado Amigo, presidente da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, esteve presente na última reunião de tertúlia dos Antigos Escoteiros, depois de uma ausência em que esteve doente e retido em casa. Congratulamo-nos pelas melhoras alcançadas e desejamos-lhe um completo restabelecimento.

Vamos a Londres pagar uma dívida de gratidão?

Uma Boa Acção praticada em 1912

Na minha qualidade de sócio da Fraternal dos Antigos Escoteiros, recebi há dias uma simpática e interessante circular, em que se convidavam todos os companheiros e actuais escoteiros a realizar um sonho antigo: visitar Londres e ali prestar homenagem ao Fundador do Escotismo.

A este respeito, sugere-se à Comissão Organizadora, constituida por antigos elementos ligados ao Escotismo e que a ele têm dado o melhor do seu saber e inteligência, que são Albano da Silva, Ernesto Nascimento, Amilcar Fernandes, Eduardo Xavier e Wolf Karl, sugere-se, dizia. que, além da excelente excursão por via aérea, levemos a cabo uma actividade digna dos escoteiros portugueses de agradecer aos escoteiros da Inglaterra a sua Boa Acção de 1912.

Dizia Franklin António de Oliveira, em Junho de 1937 no jornal «Escotismo», o seguinte:

«Muitos, a maioria mesmo dos Escoteiros, apenas por tradição falam na visita do Grupo de Hastings a Lisboa em 1913, a convite do Governo Português, mas aqueles que não a esquecem, os velhos como eu, recordam o efeito da sua apresentação no público de Lisboa e a sessão na Sociedade de Geografia com o interessante discurso do Dr. Reis Santos.

«Vêm estas notas a propósito duma notícia que li no jornal inglês *Scouts in Ships*, órgão dos *Deep Sea-Scouts* que a seguir transcrevo:

«Uma Boa Acção praticada há 25 anos *(actualmente há 59 anos)*, apesar do tempo longo já decorrido ainda não esqueceu, pois criou um forte laço de amizade entre os *Boy Scouts* de Hastings e St. Leonards e os de Portugal.

«Nos princípios de 1912, um forte temporal no Oceano provocou um naufrágio e dois marinheiros portugueses foram arremessados pelo mar, já mortos, na praia de St. Leonards. Os escoteiros do 2.º Grupo de Hastings organizaram o funeral, tomaram a seu cargo as campas dos infortunados portugueses no cemitério de Borough. Esta Boa Acção tornou-se conhecida do Governo Português, que convidou os escoteiros de Hastings a visitar Portugal, o que aconteceu com manifesto êxito em 1913.

«Este ano *(1937)* espera o Grupo de Hastings receber os Escoteiros Portugueses que serão hóspedes do *Mayor* e do Grupo de Hastings.

«Perdera-se a tradição das razões que levaram os Escoteiros de Hastings a visitar-nos em 1913, mas estou certo de que este ano os rapazes de Portugal gostarão de estreitar mais laços de amizade escotista que deve unir os rapazes das duas nações aliadas.

«Quando em Hastings os Escoteiros Portugueses pagarem a visita aos seus camaradas, uma coisa não pagam, uma coisa não podem jamais esquecer, a Boa Acção de 1912, porque esta é impossível a qualquer de nós esquecê-la, porque foi o maior factor para a criação dos Escoteiros de Portugal».

Não seria interessante, ao fim de 59 anos, afirmar mais uma vez aos camaradas de Hastings que nunca esquecemos o seu feito? À Comissão Organizadora deixo este modesto alvitre, que suponho teria agora natural cabimento.

Eugénio Ribeiro Nunes

Serviço de Material e Uniformes dos Escoteiros de Portugal

O Serviço de Vendas do S. M. U. adoptou um novo horário na sua cantina da Rua de S. Paulo, 254-1.º em Lisboa. Passa a estar aberto todas as sextas-feiras, das 21 às 22,30 horas.

O serviço pelo correio deve ser solicitado com oito dias de antecedência para aquela direcção em Lisboa 2.

A I EXPOSIÇÃO ITINERANTE DA IMPRENSA ESCOTISTA MUNDIAL

QUANDO O OBJECTIVO É SERVIR

COMO SE ORGANIZOU A EXPOSIÇÃO

A organização da Exposição foi um interessante trabalho de cooperação, em que o espírito de equipa esteve bem patente.

Sabíamos que não era tarefa fácil aquela a que íamos meter ombros, ao projectar a realização da I Exposição Itinerante da Imprensa Escoteira Mundial. Todavia, nunca foi óbice à realização de qualquer iniciativa do nosso jornal a perspectiva do trabalho necessário para a executar e, assim, os nossos colaboradores Armando Inácio e Rui Macedo chamaram sobre si todo esse esforço, trabalhando dedicadamente durante algumas semanas, seleccionando, cuidando e revendo criteriosamente todo o material a expor, preparando e decorando placas expositoras, etc., tudo dentro das limitações a que estamos obrigados.

Foi excelente e digno dos mais rasgados elogios o trabalho realizado por aqueles nossos camaradas. Mas todo esse esforço ficava ainda dependente da forma como fosse exposta toda aquela valiosa colecção e, ao escolhermos (não casualmente!) o Porto para a primeira etapa da nossa exposição, desde logo nos afastámos da hipótese de podermos conduzir esses trabalhos complementares.

O transporte para o Porto não foi feliz, pelo que os expositores tiveram de ser reparados. O nosso representante naquela cidade, sr. Horácio José de Paiva, chefe ajudante do Grupo 17, em quem confiamos abertamente, procurou os colaboradores que lhe possibilitassem a concretização dos seus intentos. Assegurou a colaboração do seu Grupo, tendo sido incansável na montagem da exposição o chefe sr. Manuel da Silva Teixeira, e o chefe dos serviços administrativos sr. José Alberto Teixeira. Estes três dirigentes, com a colaboração da patrulha Falcão do 17, trabalharam duramente para conseguir o êxito que a exposição constituiu. Porque esse serviço teve de ser feito em duas noites, valeu-lhes, na circunstância, a colaboração espontânea dos dirigentes do CNE srs. Carlos Alberto da Costa Azevedo, Alcides Ramos Azevedo e Bernardino António Teixeira, respectivamente chefe do Agrupamento 300, chefe secretário do mesmo e chefe adjunto do Agrupamento 275. De muito merecimento também a colaboração da patrulha Águia do Agrupamento 300.

A Associação Cristã da Mocidade abriu-nos as suas salas e eis que toda aquela extraordinária equipa realiza, em curto espaço de tempo, um excelente trabalho, onde o espírito escotista, bem patente, se alia a um assinalável gosto artístico, que valoriza claramente os documentos expostos.

Confiámos abertamente nos escoteiros do Porto, mas temos de confessar, muito sinceramente, que o trabalho realizado excedeu aquilo que esperávamos, numa flagrante demonstração do que pode o interesse e a força de vontade quando colocados ao serviço de uma causa nobre como é a do Escotismo.

O êxito alcançado no Porto pela nossa exposição, cujo brilho todos fomos unânimes em reconhecer, e a propaganda do Escotismo por ela promovida, ficam a dever-se, em grande parte, ao trabalho daqueles dirigentes que tão bem souberam completar o nosso esforço.

Há também de agradecer à Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, que, com a maior solicitude, pôs à nossa disposição algumas revistas escotistas de grande valor histórico, documentos que atestam alguns dos mais gloriosos períodos do nosso movimento.

Quando o objectivo é *servir*, todos os esforços tendem a congregar-se, desinteressadamente e sem opções, pois só assim conseguiremos os resultados que com sinceridade desejamos.

M. G.

Mais uma iniciativa de «Sempre Pronto»

A I Exposição Itinerante da Imprensa Mundial Escoteira foi inaugurada no Porto e teve aceitação entusiástica

Nas salas da Associação Cristã da Mocidade, no Porto, foi inaugurada no passado dia 3 de Abril a 1.ª Exposição Itinerante da Imprensa Escoteira Mundial, feliz iniciativa do nosso jornal, que tem em vista proporcionar àquelas pessoas que menos conhecem o Movimento Escotista uma dimensão real da sua expansão no mundo e o papel da imprensa escoteira na preparação de milhões de jovens que acorrem continuamente às fileiras do Escotismo.

Quando foi marcado o dia para inaugurar esta Exposição, ignorávamos que nesse dia se realizava um espectáculo da Eurovisão, que reteria em casa muita gente. Receávamos, por isso, que aquela sessão não tivesse público suficiente. Todavia, embora a assistência fosse inferior àquela que seria de esperar, tivemos o grato prazer de registar a grata presença de um grupo de amigos e bastantes escutas e escoteiros, que simpàticamente corresponderam ao nosso convite. Os escoteiros do Norte provaram desta forma o seu alto espírito.



Um aspecto da sala da ACM do Porto onde se realizou a I Exposição Itinerante da Imprensa Escotista Mundial

Presidiu à sessão, representando a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, o Sr. Comandante Adriano Coutinho Lanhoso, delegado dos Serviços Centrais no Norte, que estava ladeado pelo Sr. Dr. Fernando Augusto Soares, presidente da direcção da Associação Cristã da Mocidade; Sr. Augusto Teixeira, chefe regional adjunto do Corpo Nacional de Escutas; Rev. Vidal Vieira dos Santos, chefe do Núcleo do Porto da A.E.P., o orador da noite, o escoteiro-chefe diplomado Sr. Prof. António Álvaro Dória, e o Director do «Sempre Pronto».

Na sala viam-se antigos escoteiros e assinantes do nosso jornal, diversos chefes dos grupos escoteiros da A.E.P. e do C.N.E., bem como os membros da junta regional desta associação srs. Humberto Costa e Fernando Amorim. Para participar nesta actividade, deslocaram-se ao Norte o Director e Director-Adjunto do «Sempre Pronto» e todos os membros da Equipa de Redacção, e ainda o Chefe Rui Horácio Macedo, que também agora faz parte do nosso corpo redactorial.

A abrir a sessão, o Com. Coutinho Lanhoso disse da sua satisfação de estar ali presente numa cerimónia de acentuado cunho escotista, tecendo palavras elogiosas ao trabalho que «Sempre Pronto» tem desenvolvido através dos 26 anos da sua publicação. Ao referir-se ao orador da noite, em que reconheceu um jovem companheiro de há 30 anos, pôs em relevo os seus dotes de carácter e as qualidades de estudioso e investigador da história e da língua portuguesas.

Falou, depois, o nosso director que, antes da apresentação do orador da noite, agradeceu à A.C.M. a cedência das suas instalações e disse da sua satisfação pelo trabalho realizado pelo nosso delegado no Norte e a equipa que tão excelente colaboração lhe prestou, a qual foi orientada pelos chefes Teixeira do grupo n.º 17 e Carlos Alberto da Costa Azevedo, Alcides Ramos Azevedo e Bernardino António Teixeira do C.N.E., que tornaram possível o magnífico aspecto que oferecia a exposição.

A palestra do professor Álvaro Dória

Tomou então a palavra o professor Álvaro Dória que, depois de saudar os srs. Comandante Coutinho Lanhoso e Eduardo Ribeiro, recordou a sua passagem, há meio século, pela A.C.M., que frequentou durante cinco proveitosos anos. Referiu que foi naquela casa que tivera a dita de conhecer uma «coisa» formidável, a *Bíblia*, reconhecendo que a essas oportunidades devia, em grande parte, o fundo da sua formação moral.

Lembrou igualmente que foi naquela casa que teve o privilégio de conhecer o Rev. Eduardo Moreira, velho amigo, a quem costumava pôr problemas, sobretudo de ordem moral, tendo tido assim muitas oportunidades de conhecer a sua personalidade que bastante o impressionou, amizade que tem persistido até hoje.

Passou então a desenvolver o tema «Imprensa Escotista». Referindo-se, em primeiro lugar, à Imprensa como simples arte de imprimir, afirmou que, mais tarde, com a divulgação do que hoje se denomina imprensa periódica, o nome passou a aplicar-se particularmente aos jornais. Era a essa Imprensa que se propunha referir, pelo que, em breve resumo, fez a história do seu aparecimento em Portugal e do seu desenvolvimento até os dias correntes.

Aludindo à deontologia da Imprensa, salientou as consequências gravíssimas que pode trazer uma informação errónea. A ilustrar esta afirmação, descreveu os resultados originados da guerra Franco-Alemã de há um século, a qual precipitou a queda da monarquia francesa, que se ficou a dever a uma informação errada dada por Bismark aos jornais.

«A missão do jornalista — afirmou — envolve grandes responsabilidades». Aludiu ao dilema que se põe muitas vezes aos jornalistas «de faiar verdade, comprometendo a sua paz de espírito e até a sua segurança pessoal, ou fazer calar a sua consciência, garantindo a sua segurança pessoal, mas servindo, neste caso, a mentira».

Passando a fazer considerações sobre a ética do escotismo, foi categórico a afirmar que esta não pode permitir, seja por que motivo for, que um escoteiro consciente do que é, possa algum dia empregar uma mentira, ainda que se encontre numa situação difícil. E continuou: «A verdade pode a cada passo concretizar-se de forma dramática. Nós temos muitas vezes pela vida fora — vós sois jovens, eu sou velho, ou melhor, antigo, visto que os antigos são diferentes dos velhos. Os velhos já não servem, os antigos ainda podem servir. Eu estou aqui para servir e nestas circunstâncias não me posso considerar velho. Dizia: novos e velhos temos a nossa verdade. A vossa verdade não é a minha; a minha não é a vossa. Mas há uma plataforma em que podemos fazer um encontro dessas duas verdades e encontrar resumo dessas verdades, porque a verdade se nos apresenta aos olhos tal como os antigos a representavam na fábula: uma mulher completamente despida com um espelho na mão, o espelho da verdade, é a verdade abstracta. Mas quando ela se nos apresenta à nossa frente e nos pesa na consciência e nos faz pulsar o coração mais depressa e acelera a respiração, é quando estamos em frente de uma verdade concreta».

Entrando na apreciação do Escotismo, disse que numa assembleia em que estavam tantos escoteiros não havia necessidade de definir o que é o Escotismo. Todos conheciam os seus princípios e quem foi o seu fundador. «Todos vós sabeis — continuou — que o Escotismo tem uma lei, um decálogo, dez frases curtas, mas incisivas. Todos sabeis que essa lei foi primeiramente redigida por um inglês e oficial do exército. Se fosse um português, era evidente que essa lei teria muitos parágrafos, muita retórica e no fim procurar-se-ia esprimer cada uma dessas leis e possivelmente sairia uma pequena gota».

O orador falou da coragem que há 50 anos era preciso um escoteiro ter para atravessar, uniformizado, a cidade, ouvindo remoques, comentários soezes e até insultos e, apesar disso, continuar a sentir orgulho de vestir o seu uniforme escoteiro. E disse: «Nessa altura, havia a noção exacta de que o facto de estar integrado no movimento escotista era o mesmo que dizer que estava a preparar uma nova mentalidade, melhor, uma nova personalidade, personalidade que era daquele que aceitara os princípios do escotismo na sua vida, para nela encontrar os meios de uma maneira diferente de a tomar, isto é, de triunfar quanto mais não fosse sobre as suas próprias limitações».

Continuando: «Se eu não tivesse passado pelas fileiras do Escotismo, possivelmente não seria aquilo que sou».

Analisou, em seguida, o que era a Imprensa escotista em Portugal, lembrando as suas dificuldades e os seus reveses. Lembrou que dentro em pouco todos os que ali se encontravam teriam oportunidade de, na exposição que ia ser aberta ao público, ficar com a ideia do valor que o nosso movimento tem em todo o mundo, o qual poderá tornar-se, se bem compreendido, a alavanca capaz de elevar o mundo, «porque elevando os homens mentalmente, eleva-os também moralmente e dessa forma se eleva o mundo».

Depois de fazer uma alusão ao facto de não poder compreender porque é que, tendo passado tantos jovens pelo Escotismo, muitos deles esqueceram os princípios que norteiam este movimento, pelo que se tornaram responsáveis, em grande parte, pela segunda Guerra Mundial que ensanguentou o mundo, o Prof. Dória afirmou: «Confrange-me o coração ao pensar que se o movimento escotista tivesse penetrado fundo na alma desses homens e lhes tivesse modelado o espírito e o coração, nunca teria sido possível uma guerra com a extensão e a crueldade desta última».

E a terminar a sua brilhante oração, disse: «Quando vim para esta Associação, começava a ser ela conhecida pelo nome de Triângulo Vermelho. Estava um triângulo vermelho cá dentro e as iniciais A. C. M. O Rev. Eduardo Moreira, numa maneira muito dele, escolheu essas letras para a seguinte interpretação: — Em vez de Associação Cristã da Mocidade, as iniciais A. C. M. querem dizer que esta associação prepara os jovens na *Alma, Corpo e Mente*.

O nosso estimado colaborador foi muito aplaudido pela formosa lição que acabava de proferir, tendo o sr. Comandante Lanhoso tecido breves mas elogiosas considerações acerca da personalidade do orador e da sua palestra.

A Exposição

Seguiu-se a inauguração da Exposição, constuída por algumas centenas de jornais e revistas, que representavam cerca de 50 países, expostos de forma bastante agradável por entre pormenores decorativos de assinalável bom gosto.

O recinto encheu-se rápidamente de uma pequena multidão curiosa e interessada, onde se destacavam muitos escoteiros que liam e colhiam apontamentos dos artigos técnicos que mais os atraíam. A Radiotelevisão Portuguesa, também esteve presente, efectuando larga reportagem do certame.

A exposição esteve patente ao público até ao dia 8, quinta-feira. Durante esses seis dias, foi muito concorrida, tendo sido projectado o filme do XII Jambori Mundial, realizado em 1967 no estado de Idaho, nos Estados Unidos da América, gentilmente cedido pela Embaixada Americana, tendo sido operador o chefe adjunto do Agrupamento 275 do CNE sr. Bernardino Teixeira.

Pode-se dizer afoitamente que esta exposição constituiu uma manifestação cultural de significativo alcance escotista.

No próximo número daremos notícia da Exposição em Lisboa, que esteve patente ao público de 23 a 29 de Abril.

M. G.



Outro aspecto da Exposição. Ao fundo: a pirâmide feita com bandeiras dos grupos e agrupamentos da AEP e CNE e das Guias de Portugal, feliz símbolo da cooperação de esforços que houve na realização desta bela iniciativa

Ainda o XIII Jamboree no Ar

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Os Grupos 15 e 17, do Porto, também tiveram razoável actuação no último JOTA. Operando através dos emissores CT1PS, CT1WB e CT1ZA, respectivamente dos distintos radiamadores srs. José Maria Martins Oliveira, César Augusto Vieira e José Manuel Barbosa da Cunha, conseguiram 37 contactos.

A sua discriminação é a seguinte:

CT1PS: — *Portugal:* Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, Grupos 15 e 17 (noutro posto), no Porto; Grupo 39, em Benguela; Junta Regional do CNE, em Nova Lisboa e Agrupamento 156 CNE, também em Nova Lisboa.

Com o estrangeiro não foi obtido qualquer contacto.

CT1WB: — Portugal: Grupo 15 (noutro posto), no Porto; Grupo 23, em Queluz; Chefe Custódio, em Carcavelos; e Grupos 6, 60 e 77, em Faro. *Estrangeiro:* Áustria (3), Brasil (Juiz de Fora), Escócia, Holanda, Inglaterra (6), Irlanda do Norte, Itália, Luxemburgo e Suíça (2).

CT1ZA: — *Portugal:* Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, no Porto; Grupo 52, em Angra do Heroísmo; e Grupos 80 AEP e 107 CNE, em Ponta Delgada. *Estrangeiro:* Inglaterra (6), Itália e Noruega.

Uma distinção para Portugal

A Secretaria Mundial do Escotismo encarregou Portugal, através do Organizador Nacional, o nosso amigo E. C. Justino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto da AEP, de apresentar o desenho para os cartões de participante do XV JOTA, que se realizará em 1972.

Trata-se de uma distinção muito honrosa para o nosso País e que revela o alto conceito em que é tida a participação dos escoteiros portugueses nesta actividade mundial. Pode-se dizer que é um prémio que vem distinguir o esforço de quantos têm trabalhado para que os Jamboris no Ar acusem uma destacada posição de Portugal.

Foi publicado o Relatório do XIII JOTA da Secretaria Mundial do Escotismo

A Secretaria Mundial do Escotismo distribuiu o relatório do XIII JOTA. Nesta bem elaborada publicação pode ter-se uma noção da forma como os Jamboris no Ar, de ano para ano, vão assumindo maior importância, pelo número de participantes e pelo número de países que neles tomam parte.

No parágrafo dedicado a Portugal, são tecidos elogios à forma como a nossa Organização Nacional apresentou o seu relatório, com minuciosas informações e com muitas fotografias, cartões QSL, recortes de jornais, modelos de material publicitário, etc.

É dado relevo ao facto de terem sido contactados todos os continentes, bem como à excelente actuação da Companhia de Guias Santa Isabel e ao interessante desenho do carimbo especial do 1.º dia. Além de referir à actividade dos escoteiros dos Açores e Angola, chama a atenção para o facto de em Moçambique terem operado 40 emissores, dois dos quais sob indicativos escotistas: CT7JAM, do CNE de Lourenço Marques, e CT7AEP, do Grupo do Dondo da AEP.

Também é dada relevância ao Concurso que a Organização Nacional levou a efeito, entre os escoteiros portugueses, a propósito deste JOTA.

Na reportagem fotográfica do relatório vê-se uma bela fotografia das simpáticas guias nortenhas, guindadas no mastro da antena do emissor onde actuaram, acompanhada da legenda: «*As guias portuguesas do Porto mostraram-se à altura da situação*».

Quanto aos parágrafos dedicados aos países estrangeiros, há a destacar o número de postos participantes dalguns deles. Assim, Estados Unidos da América 3000 postos, Austrália 447, Inglaterra 164, Brasil 126, Suécia 100, África do Sul 89 e Noruega 74.

Como se vê, a participação portuguesa cifrou-se em números e em resultados muito convincentes, que nada desmerecem comparados com os atingidos pelas grandes «potências» do Escotismo mundial.

A Organização Mundial promove dois Concursos

Concurso de Desenhos do JOTA-71

Entre os escoteiros de todas as idades, é aberto este concurso, que consta da apresentação dos desenhos para o carimbo e o sobrescrito comemorativos do JOTA 71.

O desenho, a tinta da china, será feito em papel branco do formato 18 × 24 cm. Configuração circular ou elíptica para o carimbo e qualquer outra para o sobrescrito, com a dimensão mínima de 10 cm.

Elementos obrigatórios do desenho:

Legendas do carimbo — Escotismo Português; XIV Jamboree no Ar; 16-X-1971; CTT (espaço reservado à localidade onde o carimbo for utilizado).

Legendas do sobrescrito — Escotismo Português; XIV Jamboree no Ar 16/17-X-1971.

Em ambos os desenhos — O motivo escotista: corda com as pontas ligadas por nó direito.

Haverá 3 prémios para o desenho do carimbo e outros três para o do sobrescrito.

O prazo para a entrega dos trabalhos termina em 17 de Julho p. f.

Concurso de Desenhos para o Cartão de Participante do JOTA-72

Conforme dizemos acima, Portugal foi encarregado, pela Secretaria Mundial, de apresentar o desenho do cartão de participante.

A Organização Nacional resolveu, por esse motivo, abrir concurso, entre os escoteiros, para esse desenho, o qual não poderá comportar mais de duas cores, tendo por motivo principal as comunicações, quer por rádio, quer por outro meio. O distintivo dos Jamboree no Ar deve aparecer em qualquer ponto do desenho, o qual também mostrará os distintivos mundiais dos escoteiros e das guias.

Não se exige a execução definitiva do desenho, mas será suficiente o seu esboço, o qual será depois concretizado por um desenhador profissional.

Há 10 prémios, dos quais os 3 primeiros são constituídos por objectos de carácter escotista internacional e os restantes por diplomas.

Os trabalhos devem ser apresentados até 31 de Agosto p. f.

Para qualquer dos dois concursos, os desenhos serão assinados com pseudónimo e acompanhados de sobrescrito fechado, contendo no interior a identificação do concorrente.

Informações mais pormenorizadas poderão ser obtidas na Associação dos Escoteiros de Portugal, Concurso de Desenhos para JOTA-71 (ou JOTA-72), Cais do Sodré, — Lisboa-2; ou no Corpo Nacional de Escutas, Concurso de Desenho JOTA-71 (ou JOTA-72), Rua da Fé, 53-1.º — Lisboa-2.

Não vai ao Jamboree, pois não?

Então siga alguns destes conselhos

O Boletim do Escotismo Mundial publica algumas ideias para actividades que os escoteiros de todo o mundo podem levar a efeito por ocasião do Jamboree Mundial, muitas delas retiradas de um programa com essa finalidade elaborado pelos escoteiros da África do Sul.

Eis essas sugestões:

— Trajes — As patrulhas ou grupos, durante o fogo do conselho ou durante parte do acampamento, podem usar os trajes regionais ou os uniformes escotistas doutros países.

— Jamboree miniatura — Cada grupo arranja o seu campo no estilo de um determinado país.

— Jogos olímpicos escotistas — Cada patrulha representa um país.

— Fogo do conselho «*Para a Compreensão*» — O fogo acende-se durante a cerimónia da abertura do acampamento e conserva-se aceso durante toda a noite e todo o dia.

— Jogos — Aprender e praticar jogos e desportos doutros países.

— Cozinha internacional — Fazer petiscos com ementas doutros países, incluindo as do Japão, cozinhados, se possível, à maneira dos autóctones (na brasa, etc.).

— Fogo do conselho internacional — Aprender e entoar cânticos doutros países, isto sem esquecer o hino do 13.º Jamboree.

— Linguagem do Jamboree — Aprender algumas frases em japonês e noutras línguas.

— Mapa escoteiro — Num grande mapa-múndi, assinalar todos os países com associação escotista por meio de alfinetes ou de bandeiras.

— Exposição filatélica — Pedir a um coleccionador que apresente os seus selos escotistas, ou selos de países escotistas. Reunir um selo de cada país ou juntar outros objectos, tais como moedas, insígnias, etc.

— Solidariedade — Organizar um ofertório para o Fundo Escotista Universal, a fim de ajudar os nossos irmãos-escoteiros, ou juntar selos para os remeter ao Banco Escotista de Filatelia.

— Bandeiras — Arranjar ou fazer bandeiras de todos os países escotistas. Não esquecer a bandeira do escotismo mundial que se deve colocar no lado mais elevado.

— Regata mundial — Os escoteiros marítimos podem dar aos seus barcos o aspecto de embarcações doutros países, ou, melhor, construí-las mesmo.

— Exposições — Estabelecer um centro de informações do Escotismo mundial. Utilizar revistas doutros países, postais, etc.

— Radiamadores — Empregar os processos utilizados durante o Jamboree no Ar e tentar contactar com a estação do Jamboree do Japão ou doutros países escoteiros.

— O «livro da amizade» — Redigir uma mensagem de amizade e, depois de a fazer assinar por escoteiros de todo o país, encadernà-la em forma de livro e enviá-la, como presente, ao Jamboree do Japão.

DOMINGO —DIA DE DESCANSO?

Continuação da pág. 1

recuperação integral da capacidade do trabalhador para um melhor rendimento noutro período de actividade.

Poder-se-á argumentar — e é verdade — que essa vantagem se alcançará de igual forma se o descanso for guardado noutro qualquer dia da semana. Há, porém, que optar por um dia, e convém que esse dia seja observado tão geralmente quanto possível para que permita o encontro das famílias, dos amigos, e até para que possa haver uma pausa tão completa quanto possível no maior número de actividades. Num país de tradição cristã, o dia de descanso não poderá ser outro senão o Domingo — o sábado cristão — adoptado para comemorar a ressurreição de Jesus Cristo. Domingo significa «Dia do Senhor» e é consagrado quase por toda a Igreja para o culto divino. Dizia Vítor Hugo que a Inglaterra não sabia o que devia ao modo como o seu povo empregava o domingo. Mas Voltaire assinalava que «para destruir o cristianismo seria preciso destruir primeiramente o domingo» e parece que essa destruição está em vias de se conseguir.

Nas vésperas da Páscoa, vimos num supermercado um aviso informando que «no domingo de Páscoa estaria encerrado em virtude do carácter sagrado do dia». Era uma manifestação de fé religiosa *tout court*, já que ignorava que todos os domingos têm carácter sagrado — separado — para os cristãos.

Os dirigentes escoteiros conhecem bem a frustração daqueles adolescentes que por motivos profissionais estão impedidos nos fins de semana de acompanhar os escoteiros nas saudáveis actividades de campo. Os rapazes que trabalham aos domingos ficam privados de muita assistência e benefícios essenciais à sua formação, impedidos de um contacto mais íntimo com a família, com a Igreja, com os movimentos educativos. Atrevemo-nos a sugerir uma legislação que torne obrigatório o descanso dominical para todos os adolescentes, o que constituiria medida de largo alcance social.

O benefício do descanso dominical deve ser proporcionado ao maior número possível de trabalhadores, não nos parecendo de manter a tolerância concedida a certos estabelecimentos comerciais para abrirem aos domingos, com manifesto prejuízo para aqueles que observam a lei e suspendem nesse dia as suas actividades.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Socorros em casos de urgência

Continuação da pág. 3

aguardes nunca o último momento. Põe os braços ao longo do corpo e dá o golpe de tesoura. Simultâneamente expira pelo nariz até que este fique fora da água. Inspira agora normalmente.

Quarto tempo: Demora-te à superfície. Em água agitada, se estiveres vestido, este tempo pode salvar-te a vida. Após o terceiro tempo, começas a mover-te. Se te moves demasiadamente submerso, és obrigado a um esforço maior. Para evitar isso, no momento em que a tua cabeça penetrar na água, debruça-te para a frente e dá um impulso de alto para baixo com os braços ou as pernas, ou uns e outras. Este movimento, se for bem executado, fará com que a nuca não desça a mais de 30 cm. e não mais de que um momento. A nuca deverá aflorar à superfície no período de repouso seguinte.

Quinto tempo: Novo repouso. Retoma o procedimento do primeiro tempo. Durante este período de repouso, uma impressão de aperto no peito é causada quer por um repouso muito prolongado, quer por expiração incompleta. A falta de ar, para cada indivíduo, é variável. É necessário fazer a experiência, agindo sobre estes três factores seguintes: repouso mais ou menos longo; expirações mais ou menos completas e inspirações mais ou menos profundas.

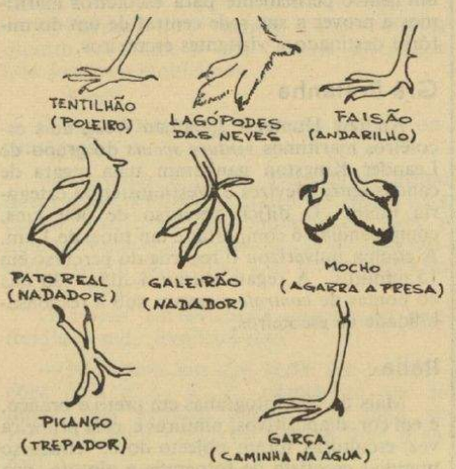
(Do *World Scouting Newsletter*)

Técnicas de Observação

Continuação da pág. 3

cauda em leque, as penas vibrantes, diante das fêmeas. Os tentilhões machos ostentam cores vivas.

Na Primavera chegam as *andorinhas*, em breve seguidas dos andorinhões. O melro começa a cantar, sobretudo de manhã e à tardinha, empoleirado em evidência no cimo de



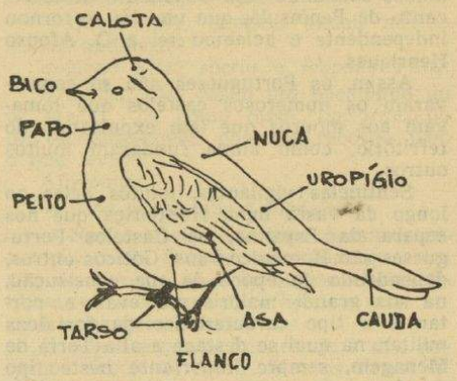
uma árvore. Quando a noite cai, emite alguns gritos estridentes, antes de alcançar um refúgio. Os tentilhões esboçam o seu estribilho.

No começo do Verão, os *gaivões*, reconhecíveis pela sua cor escura, perseguem-se nos ares. As suas espectaculares evoluções são acompanhadas de gritos muito agudos. Abalam no fim do Verão, enquanto as andorinhas se deixam ficar ainda algumas semanas.

Na aldeia

As *gralhas* desenvolvem em volta do campanário das igrejas aldeãs uma actividade ruidosa e incessante. O toque dos sinos incomoda-as e dispersa-as por momentos, mas logo regressam ao poiso preferido. O seu grito, rouco e agudo, em nada se parece com o do corvo.

As andorinhas escolhem os locais abrigados dos edifícios, quintas ou granjas para construir o ninho. Com tempo claro e soalheiro, evoluem muito alto, no céu. Mas se o tempo se mostra tormentoso e ameaçador, voam baixo, rente às estradas e toalhas de água, em busca de insectos. Na estação dos ninhos, o vaivém



dos pais, reabastecendo os filhos, é um espectáculo corrente e comovedor.

No Verão, ao crepúsculo, passa silenciosa, a silhueta esbranquiçada da *coruja das torres*, a escapar-se sorrateira do celeiro. Das pilhas de madeira e feixes de lenha, sai o canto vibrante e sonoro da pequena *carriça*, que pouco bravia e de cauda levantada, consente que se aproximem dela.

Bem à vista, no cimo de um telhado, destaca-se o *rabirruivo*. A cauda agita-a ele continuamente e o canto assemelha-se ao rangido de roda mal oleada de um carrinho de mão.

No Inverno, nos pomares e nas proximidades das habitações, os *chapins*, aos gritinhos, deslocam-se em rondas, de árvore em árvore, inspeccionando o mais pequeno ramo em busca de alimentos.

Resplandecente e harmoniosa, a plumagem do *dom-fafe* surpreende e encanta no ambiente já de si pouco colorido da estação invernosa.

Na Primavera, chegam as *toutinegras*, que envergam vestimenta discreta. Os seus trinados e chilreios melodiosos em breve animarão as moitas e as sebes.

No Outono, quando o jardineiro, ancinho em punho, limpa de folhas mortas as áleas dos jardins ou cava os canteiros, o *pisco* atrevido e de olho vivo, sagaz, saltita a escassos metros dele a comer as larvas e os insectos que o revolver da terra deixou a descoberto.

UMA CAMPANHA EM MARCHA!

Novos assinantes

Temos o prazer de registar, como início da nossa campanha para novas assinaturas, a entrada dos seguintes assinantes, a quem apresentamos o nosso muito agradecimento:

Senhores Eduardo de Almeida Trindade, Cristiano Pires Caixeiro e Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal, de Lisboa; Artur Fernando da Silva Vaz, de Vila Nova de Gaia; Grupo n.º 27 dos Escoteiros de Portugal, de Azambuja; Arnaldo Pinto, do Porto, e Madame C. de Cazenova, de França, estes dois últimos propostos pelos nossos estimados amigos senhores António Pacheco da Silva e Henrique Alves de Azevedo. Total de novas assinaturas — 7.

Esperamos e agradecemos novas adesões a esta campanha.

O CASTELO DE ALMOUROL

Por LUÍS SIMÕES AURÉLIO

Portugal é dos países da Europa o que maior número de castelos possui. Estão na origem desta abundância os perigos que, então, representavam, para Portugal, a proximidade muçulmana e a incómoda vizinhança dos reinos de Castela e Leão, ambos sonhando com o domínio deste recanto da Península, que um dia se tornou independente e aclamou rei a D. Afonso Henriques.

Assim, os Portugueses não só conservaram os numerosos castelos que tomavam aos mouros que iam expulsando do território, como ainda fundaram muitos outros.

Sentinelas vigilantes, muitos deles ao longo da vasta linha fronteiriça que nos separa da Espanha, os Castelos Portugueses são Românicos uns, Góticos outros, dependendo da época da sua construção, na sua grande maioria medievais e, portanto, o tipo característico da fortaleza militar, na qual se destaca a alta Torre de Menagem, sempre importante neste tipo de fortaleza, pois era ela a sentinela atenta do castelo, dominando, lá do alto, a vastidão da zona que à sua defesa estava confiada.

Jóias engastadas nas páginas de oiro da nossa História, os Castelos Portugueses são o padrão do passado heróico dum país que, à custa de sacrifícios sem nome, tem mantido íntegra a estrutura do seu primitivo território.

D. Afonso Henriques, D. Dinis e D. João I, são os três reis cujos nomes estão mais intimamente ligados aos nossos castelos. O primeiro por ter conquistado grande parte deles, o segundo e o terceiro por terem mandado edificar, ou ampliar, muitos outros. Castelos há, como o de Leiria e o de Castelo de Vide, aos quais o nome de El-Rei D. Dinis está ligado, pois tem o nome deste rei a alcáçova do de Leiria e, chama-se de D. Dinis a torre de menagem de Castelo de Vide, por este monarca mandados edificar.

Numerosos, como já acentuámos, destacaremos entre os castelos, como mais notáveis, uns pela sua situação geográfica, verdadeiras obras de assombrosa construção alcandoradas no cimo de penedias; outros pelos seus feitos militares de grande significado histórico, os de Bragança, Chaves, Guimarães, à sombra do qual nasceu D. Afonso Henriques e se fundou a nacionalidade, o de Belmonte, que viu nascer Pedro Álvares Cabral, e tantos outros, como Leiria, Tomar, Vila da Feira, Ourém, Lisboa, Sesimbra, Palmela, Mértola, Beja, Flor da Rosa, Amieira, Vila Viçosa, Silves, Castelo de Vide e Marvão, este o mais alto castelo de Portugal, e, ainda, o de Óbidos, guardando nas suas fortes muralhas a linda vila do mesmo nome.

E sobre o Castelo de Almourol onde ora nos encontramos? Edificado sobre uma pequena ilha situada na confluência dos rios Tejo e Zêzere, foi ampliado por D. Gualdim Pais, Mestre das Ordens dos Templários, segundo uns em 1160, segundo outros em 1171. Do alto da sua elegante torre de menagem se vigia todo o vale do Tejo. Ignoramos, contudo, os factos histórico-militares a ele ligados e, fontes consultadas, nada adiantam sobre o assunto, apenas todas são unânimes em afirmar que a este Castelo se prendem numerosas lendas de amor de mouras e cristãos. D. Gualdim Pais edificou o Castelo de Tomar que, como este em que nos encontramos, pertenceu à Ordem dos Templários. Esta Ordem, de origem francesa, estabeleceu-se em Portugal em 1125 e foi acarinhada por D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, que à Ordem entregou o Castelo de Fundão. El-Rei D. Dinis, em 1319, extinguiu a Ordem dos Templários e fundou a Ordem Militar de Cristo, da qual veio a ser, mais tarde, Grão-Mestre, o Infante D. Henrique.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, autor do «Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram», assinala no Castelo de Almourol uma lápida sobre os feitos de D. Gualdim Pais.

O facto deste castelo ter pertencido à Ordem dos Templários e ter, portanto, merecido a atenção do Mestre dos Cavaleiros do Templo, atesta a sua importância militar. Uma coisa, porém, é certa, estamos neste momento abrigados pelas muralhas venerandas dum castelo românico, que vem do Século XII e dos recuados alvores da Fundação da Nacionalidade Portuguesa e da independência deste rincão que nos foi berço. Isto para nós é tudo e para a nossa formação escoteira tem alto significado.

N. da R. — Acabamos de publicar um último trabalho que tínhamos em carteira do nosso querido e saudoso amigo Sr. Luís Simões Aurélio. Trata-se de uma palestra que se destinava a ser pronunciada durante uma visita ao Castelo de Almourol, na qual temos a oportunidade de, mais uma vez, apreciar os seus vastos conhecimentos da História de Portugal e dos mais famosos monumentos da nossa terra, com os quais em vastas ocasiões nos deliciou.

Eis uma modesta homenagem de «Sempre Pronto» à memória do Amigo, cujo desaparecimento não deixamos de deplorar.



Zâmbia

Os escoteiros do distrito de Kawambwa repararam tectos e paredes de casas de aldeias pobres que não têm ferramentas e materiais.

Como «Boa Acção Colectiva», o grupo da missão de Lufubu construiu uma casa completa para uma velhinha necessitada.

República Centro-Africana

Em conformidade com o plano nacional de desenvolvimento, a associação escotista vai instalar um centro avícola para galinhas poedeiras e abrir uma venda de lenha, com o fim de reunir fundos destinados à sua participação no Jambori Mundial, à construção de uma casa para escoteiros diminuídos fisicamente, a um centro permanente para escoteiros marítimos e prover a sua sede central de um dormitório destinado a visitantes escoteiros.

Grã-Bretanha

Andrew Hunter e Jonathan West, dois escoteiros marítimos *venture scouts* do grupo de Leander Kingston ganharam uma regata de canoas entre Devizes e Westminster na categoria júnior. O difícil percurso de 300 kms. compreendia 76 comportas e um túnel de 1 km. A equipa pulverizou o recorde do percurso em 15 minutos. A regata durou 4 dias. 30 das 40 pontes de *controle* estavam sob a responsabilidade de escoteiros.

Itália

Mais de 500 fotografias em preto e branco, e em cor, diapositivos, pinturas e, pela primeira vez, esculturas foram objecto do 6.° concurso mundial escotista de fotografia e pintura, que se realizou em Arco. Mais de 30 troféus e medalhas recompensaram os premiados de diversos países enquanto 350 ciclistas escoteiros chegavam àquela cidade para tomar parte no *Rally* Ciclista.

Estes festejos culminaram com o descerramento de uma placa de mármore, por onde se vê que a uma rua de Arco foi dado o nome de «Via Baden-Powell».

Etiópia

Os escoteiros das escolas secundárias de Debres Marcos, Gojjam, ofereceram um dia de trabalho «ao serviço comunitário». 774 horas foram assim consagradas a limpeza de esgotos e à reparação de pontes de madeira em vários pontos da cidade.

Irlanda

Participando no «Ano Europeu de Conservação da Natureza» um grupo de escoteiros de Cork está trabalhando nas ruínas de uma igreja pré-normanda e no cemitério de Santa Catarina, em Teampall.

Pouco se conhece desta paróquia da cristandade medieval, considerada como um dos lugares de culto mais antigos da região. O trabalho feito pelos escoteiros permitiu já desentulhar o terreno. Os contornos da igreja e do cemitério são agora visíveis e muitas pedras trabalhadas foram descobertas e limpas. Na sua primeira visita, os escoteiros encontraram a piscina, espécie de grande tanque.

Austrália

O Quartel-General da Nova Gales do Sul tenta identificar um grupo de escoteiros que, em Pennant Hill, por ocasião de um grave acidente de viação entre dois automóveis, um dos quais em chamas, extinguiu o incêndio, retirou dos destroços os nove passageiros aos quais prestou os primeiros-socorros, salvando assim a vida de pelo menos três dos feridos. Os escoteiros estavam senhores da situação quando a polícia e a ambulância chegaram.

Costa Rica

Uma emissão semanal de televisão denominada «Escoteiros em Acção», está sendo realizada pelo Ministério da Educação e pela associação escotista.

Alemanha

Um escoteiro alemão, de 14 anos, chamado Roland Schuler, de Wurtemberg, tendo ouvido falar de um rapazito de nome «Achim», de 7 anos, mentalmente são mas cruelmente diminuído fisicamente, devido à talidomida, começou a coleccionar cápsulas de garrafas para, com o produto da venda, contribuir para as despesas com a compra de material especial para os exercícios de que «Achim» tem necessidade. Ao cabo de 6 meses, tinha recolhido mais de 4 milhões de cápsulas, que pesavam cerca de 660 kgs.!

Noruega

Neste país, realiza-se este ano o WITAN, palavra anglo-saxónica que significa «reunião de sábios». Trata-se de um acampamento que se tem realizado anualmente desde 1959 para escoteiros e guias estudantes universitários. De 3 a 13 de Agosto, será cumprido um programa variado e muito completo, composto de excursões em barco e canoa e de marchas de montanha.

Afeganistão

Sob a direcção de dez caminheiros, estudantes de medicina da Universidade de Kabul, os caminheiros e as *girl rangers* organizaram três centros de vacinação numa campanha contra a cólera.

O primeiro Chefe do Grupo N.º 7 dos Escoteiros de Portugal

Entrevista com o sr. Luciano Silva

Por ARMANDO INÁCIO e MARCOS FERRO

Perfil do nosso entrevistado

Luciano José Pereira da Silva é uma figura bastante conhecida no meio naturista português.

Homem de acção, trabalhou duramente até aos 75 anos, conta hoje precisamente 78 anos de idade, foi um paladino do bem e combateu severamente os erros, vícios, defeitos e preconceitos individuais e sociais.

Desde os 20 anos vegetariano convicto, usou para seu lema o que considerou uma visão ampla do Naturismo: «*Sê Sábio, Santo e Sadio*».

Organizou ligas anti-alcoólicas, anti-tabagistas, da moralidade, e cooperou nos corpos gerentes da Sociedade Protectora dos Animais e da Liga Abolicionista.

Foi promotor de campanhas contra os torneios de tiros aos pombos e foi notório o seu trabalho no movimento contra as touradas.

Representou a União Anti-Alcoólica Internacional, é sócio honorário da Sociedade Vegetariana de Portugal e do Instituto de Higiene Natural.

No campo literário, foi o editor da revista «Natura», director do boletim «Vida Sã» e do órgão da União Zoófila «Voz dos Animais».

Fundou, ou coadjuvou na sua publicação, os periódicos educativos: «Mundo Moral», «Abstinente», «Contra o tabaco», «Bondade», «O Ecléctico», «O Naturista», «Vida Naturista» e «Vida Natural».

Promoveu, com profusão, conferências em vários pontos do país, no intuito da expansão das normas salutares e morigeradoras do Naturo-Vegetarianismo, que advoga e pratica.

Foi fundador do grupo n.º 7 dos Escoteiros de Portugal.

Como se fundou o Grupo N.º 7

Um dia destes, fomos de abalada até às instalações dos Inválidos do Comércio, onde Luciano Silva encontra merecido descanso, já que a sua idade e saúde não permitem a actividade intensa que até há três ou quatro anos atrás desenvolvia.

Surpreso ao saber a que íamos, julgava-se esquecido dos escoteiros. Imediatamente acedeu a contar-nos algumas coisas sobre a sua vida escotista.

Surgiu então a nossa pergunta inicial:

— Como nasceu a ideia de fundar o grupo n.º 7 dos Escoteiros de Portugal?

O nosso entrevistado, pensando um pouco, deu-nos a resposta pausadamente:

— Bom, por esses tempos eu era membro da Igreja Evangélica Lisbonense, onde havia numerosa rapaziada.

Nessa altura eu já era amigo de fazer coisas, tinha lido o livro de Baden-Powell, «*Scouting for Boys*», conhecia e simpatizava bastante com os escoteiros do grupo n.º 1, que funcionava na Associação Cristã da Mocidade. Lembrei-me então de organizar um grupo na Igreja Lisbonense.

O nosso interlocutor descansou um pouco e continuou:

— Decidi trocar impressões com o Ernesto de Sousa, que nessa altura era o chefe do grupo n.º 1, um rapaz de baixa estatura, muito vivo, mas que era realmente alguém.

«O Ernesto, ouvindo os meus propósitos, incitou-me dizendo: «Não tenha receio, vá para lá com toda a sua boa vontade»...

«Assim foi! Com os rapazes da Igreja, alguns eram alunos da Escola Dominical, fundei o grupo n.º 7. Havia movimento, havia entusiasmo».

A expressão de Luciano Silva tomava calor e vivacidade ao recordar aqueles momentos. Voltámos pois ao assunto:

— Recorda-se com quem falou na Associação para a filiação do grupo?

— Falei com algumas pessoas, em especial com um rapaz alto de que de momento não recordo o nome...

Decidimos dar uma ajuda:

— Talvez com Melo Machado?

— Não me lembro de falar com o Álvaro de Melo, que era tenente da Marinha e também o Chefe Geral. Mas falei com uns e com outros e resolvi o problema.

Como gostássemos de arquivar alguns nomes, arriscámos novamente: — Contactou com o reitor Sá Oliveira, nessa altura Presidente da A. E. P.?

Luciano Silva foi concreto:

— Pròpriamente falar sobre a filiação, não falei. Lembro-me agora de que tratei o assunto com um dos irmãos Borrego.

Quisemos saber mais alguns pormenores e perguntámos pelo ano da filiação do grupo.

— Deve ter sido por volta de 1914 ou 1913 — volveu-nos. — É difícil precisar datas e alguns nomes, já que os meus papéis, e dentro dos muitos assuntos que coleccionava havia um bom capítulo de escotismo, por uma circunstância que me aconteceu, um pouco antes de eu entrar para esta instituição, foram dispersos e agora é difícil recordar-me imediatamente de datas, nomes e localidades, mas eu teria 23 ou 24 anos nessa altura...

Uma breve pausa. Luciano Silva necessita descansar, ou por outra, nós forçamo-lo a isso.

— Parece que surgiu, uma dúvida quanto ao número que caberia ao grupo que fundou? inquirimos.

— Sim?!

O espanto revelou-se-lhe no rosto. Continuámos:

— Segundo algumas pessoas o grupo deveria ter o número quatro ou cinco, mas dizem que o senhor simpatizava com o número sete e, por isso, escolheu esse número para o seu grupo. Que há de concreto acerca disso?

O nosso entrevistado mostrou-se confundido, mas explicou-nos:

— Na altura em que andei em negociações com a A. E. P., parece-me que já havia seis grupos, portanto o meu seria o 7.º, quer dizer, estávamos logo a seguir...

Ainda sobre a fundação do grupo, perguntámos a Luciano Silva se queria recordar mais alguma coisa.

— Sim, quero referir-me ao reverendo Eduardo Moreira. Antes de o 7 se fundar, eu recebi inspiração do Eduardo Moreira, que nessa altura, suponho, era secretário ou da Direcção da A. E. P. Morava perto dele e conversávamos sobre muitos assuntos, entre os quais escotismo de que tanto me esclareceu, aliás quando trocávamos impressões ele é que me ensinava... Pode dizer que eu sou uma espécie de filho espiritual desse nobre amigo e irmão, assim como uma espécie de colega, justamente em esperanto «SAMIDEANO», colega, confrade...

Acção no Movimento

Desviámos depois a nossa conversa para os tempos heróicos do Escotismo, em que a acção dos rapazes foi muito apreciada pela dedicação e amor ao próximo, Luciano afirmou-nos:

— Aí por volta de 1914, houve uma revolução em Lisboa. Os Bombeiros Lisbonenses foram para lá prestar socorros e nós fomos também. Eu fui uniformizado. Aliás poucas vezes vesti o uniforme, tendo dirigido os rapazes que tiveram bastante entusiasmo naquelas tarefas.

— Quer dizer, também andou metido nessas andanças?

Luciano Silva sorriu e respondeu-nos:

— Andei, mas assim um bocadinho de pé atrás... Ia, como disse, uniformizado de escoteiro-chefe, não me recordo bem o que levava...

Ajudemos:

— Uma bengalinha à moda?

— Nessa altura o menos possível, retorquiu rindo. Recordo-me agora que, em vez da gravata que os outros chefes tinham, eu usava um laço branco, uma artística gravata lavaliere...

O nosso espanto foi grande e não pudemos deixar de sorrir. Marcos Ferro esclareceu que Luciano Silva toda a sua vida usara esse laço e que se apresentava em todo o lado, vestido de escuro, camisa e laço de pontas pendentes, sapato de lona e corda ou de borracha.

Luciano afirmou-nos então:

— Bom, não devem fazer troça porque a ideia do laço branco não foi minha, foi de Eduardo Moreira...

— Qual o motivo?, atalhámos.

O Grupo Evangélico do livre exame

— «Porque estes não são Lucianos, são Eduardos», afirmou o Moreira... Havia pois um grupo de rapazes muito mexidos, muito amigos e creio que eu era o mais novo desse grupo.

«Para prevalecer a acção de Eduardo Moreira, ele deu-nos o laço branco com a confirmação que vocês já ouviram.

«Éramos uns seis, todos evangélicos, não me recordo o nome de todos, pois varreram-se-me da ideia, mas lembro-me do Eduardo Moreira, do Paulo Torres, do José Rodrigues Couto...

«Esse grupozinho fez várias coisas. Eu, por exemplo, escrevi uma carta à pena, com bonita letra, ao Dr. António José d'Almeida e o Moreira e o Paulo Torres, todos eles escreveram cartas para converter personalidades de categoria de qualquer partido.

«Desse grupo eu era secretário, salvo erro, ou era o Paulo Torres talvez, e, como já disse, todos começavam a usar a tal lavaliere branca. Não é vaidade de Luciano!... O Moreira é que foi da ideia, se gostam disso peçam-lhe a cópia.

«O Eduardo Moreira era novo e como gostava de ver aqueles fulanos de lavaliere branca, farfalhuda, fez-nos adoptá-la.

«A minha era justamente a maior de todas...

Luciano riu um pouco, recordando esses belos tempos, e depois continuou:

— O grupo chama-se: Grupo Evangélivo de Livre Exame e desfez-se, como todas as coisas deste mundo, porque às tantas começaram a faltar alguns dos componentes. O Eduardo Moreira, sempre muito atarefado, mil vezes ou duas mil vezes mais atarefado que nós, passou a não vir às reuniões, o José Rodrigues Couto fez o mesmo e a coisa esmoreceu. Depois disso, deixei também de actuar e passei a estar

Continua na pág. 14

O primeiro Chefe do Grupo N.º 7 dos Escoteiros de Portugal

Continuação da pág. 13

presente no «Jornal Evangélico», donde saíram grandes ideias e iniciativas.

«Mais tarde abandonei a actividade do campo evangélico, onde trabalhei tanto como noutros campos onde me meti.

Recordando actividades escoteiras

Perguntámos a Luciano Silva se fizera muitos acampamentos com os escoteiros.

— Não, — respondeu-nos, — fiz poucos. «Num deles, já era naturista, fizemos uma excursão a pé de Lisboa até Sintra, hoje não me convidem para isso..., e eu ia com os escoteiros e, como era um bocadinho autoritário naquela altura, parece incrível, não havia maneira de arranjarmos sítio, mas, por fim, escolhi um local na serra. Entendi que não devíamos dormir nas barracas... pelo menos eu não dormi, achava que não merecia a pena, e ao outro dia acordei todo molhado, mas só fiz isso uma vez...

«Doutra ocasião, para as bandas de Algés, eu quis que se fizesse — naquele tempo usava-se, hoje nem se pensa nisso — uma espécie de café-chá e também uma açorda. A rapaziada não viu aquela inovação com bons olhos e como haviam revoluções por fora, protestavam e... houve revolução por dentro...

O nosso entrevistado é uma pessoa de boa disposição e comunica-nos também o seu bom humor.

Perguntámos novamente:

— O Senhor Luciano Silva, na altura que fundou o 7.º, já era naturista?

— Já, — respondeu-nos.

— Portanto, — continuámos, — quis inculcar na rapaziada a ideia de serem naturistas?

Respondeu-nos rindo:

— Não queria mais nada, não?!!!

Um chefe de pouca dura

— Quanto tempo esteve à frente do grupo que fundou?

— Fui chefe de pouca duração. Conforme lhes disse, naqueles tempos de revoluções, houve uma revolução fora e houve uma revolução dentro. Então eu saí, isto é, as circunstâncias fizeram-me largar a chefia automàticamente.

Após uma pausa perguntámos se Luciano Silva se recordava de quem o substituiu. Foi rápido e entusiástico na resposta:

— Sim, senhor! Pode fazer referência que era um bom rapaz, dinâmico, desportista, o mais ajuizado... chamava-se José Rodrigues. Não sei se está vivo...

— Vivo e são —, atalhámos —, «Sempre Pronto» fez-lhe há pouco tempo uma entrevista sobre a sua notável acção à frente do grupo 7. A propósito: o José Rodrigues esteve consigo desde a fundação do grupo?

— Creio que sim, não me recordo bem, acho que foi fundador comigo, mas para finalizar a referência ao meu substituto convém frisar que, apesar de eu sair, o 7 continuou, justamente devido à tenacidade do José Rodrigues. Sim, porque eu era chefe «para inglês ver», mas ele é que dirigia a rapaziada. Portanto José Rodrigues substituiu-me e eu passei para outros serviços.

O Escotismo e o rumo de uma vida

A nossa entrevista finalizara, haveria muitas mais coisas a recordar e a escrever, mas o esforço de memória exigido ao nosso entrevistado era muito grande. Isto porque Luciano Silva gosta de citar factos concretos. Não abusámos, pois, pedindo mais informes, tanto mais que sem «os seus papéis» poderia cair no risco de confundir algumas coisas.

Formulámos, então, a última pergunta:

— O facto de se ter ligado ao Escotismo deve-se, com certeza, aos ideais de B.-P. O Sr. Luciano Silva manteve o espírito da Lei e da Promessa durante toda a sua vida?

— Já o tinha do cristianismo, mas o decálogo da Lei Escoteira mantive-o, não me lembro agora se falhei nalgum ponto, porém o meu lema é: «Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro».

A. I. e M. F.

De «O Escoteiro» órgão oficial da A. E. P.

Julho-1917 — N.º 12

Um escoteiro abstémio

Uma vez, um escoteiro de 11 anos, filiado havia pouco num grupo, mas manifestando ter assimilado o verdadeiro espírito de escotismo, encontrava-se num jantar de festa em que o vinho tinha uma certa preponderância, em detrimento dos belos e saborosos frutos que à sobreposse é costume comer depois de entulhado o estômago com produtos cadavéricos, excitantes e impróprios da nossa constituição fisiológica.

O nosso herói, na qualidade de sócio abstinente da *Liga Anti-Alcoólica* e ocorrendo-lhe a ideia de que o art. 208.º do regulamento da *Associação dos Escoteiros de Portugal* proíbe *jogar, fumar e ingerir bebidas alcoólicas*, regras estas a que os escoteiros de todo o mundo se sujeitam para seu próprio bem, previa mais ou menos a pergunta que daí a momentos lhe dirigiram: — «Então o Neca, não bebe o vinho? Vá ande. Quer a ruína dos vinicultores e dos taberneiros? Não é um patriota...» O nosso grande Neca (o nome ele o sabe) cônscio da sua honra e patenteando a coragem de quem sabe manter as suas convicções e cumprir os seus juramentos, exclama com firmeza que a todos envergonhou:

«Sou escoteiro e sou patriota e é justamente por isso que não bebo e não o poderia fazer sem tirar este distintivo da minha lapela. Como patriota e como escoteiro, não desejo concorrer com o meu exemplo a levar os meus semelhantes à ruína a que chega quem não recusa o primeiro copo dessa infernal bebida. É por conseguinte um caso de consciência a que se deve atender...»

A sua firmeza de carácter foi a assunto de toda a noite; nessa ordem de ideias mostrou a todos os assistentes o valor moral do escotismo e os inconvenientes do alcoolismo no físico e moral da humanidade. E ele tinha razão. Era incontestàvelmente um escoteiro às direitas. Se todos assim fossem!...

Luciano Silva

As inundações no Lobito

Os Escoteiros do Grupo 39, de Benguela, tiveram papel de relevo no auxílio às vítimas da catástrofe

As graves inundações, que tão duramente atingiram a cidade do Lobito, em Angola, deram origem a inúmeros actos de solidariedade para com as vítimas da tragédia, não só no socorro durante as horas dramáticas em que o temporal se fez sentir, como na prestação de auxílio para sanar, dentro do possível, as suas danosas consequências.

Pois, graças a notícias que acabamos de receber, tomámos conhecimento de que os escoteiros do Grupo 39, de Benguela, cidade vizinha da do Lobito, tomaram parte activamente nos trabalhos de salvamento.

O subchefe do Grupo 36, de Luanda, sr. José António Ribeiro e Cunha, encontrava-se em Benguela a ministrar aos rapazes do Grupo desta cidade, em conjunto com o chefe desta unidade sr. Manuel Nunes Pereira, um curso de Guias de Patrulha.

Na noite de 29 de Março p. p., em que ocorreu a tragédia, quando estes dois dirigentes escotistas, depois de efectuados os trabalhos do curso, se preparavam para descansar, tiveram conhecimento, pela rádio, do apelo do Governador do Distrito pedindo socorros para as vítimas do temporal. Resolveram ir oferecer os seus préstimos aos bombeiros e à defesa civil.

Tendo reunido 17 escoteiros, e preparada a carrinha do 39, saíram logo de madrugada, rumo ao Lobito, com o material de salvamento que puderam arranjar.

Ao chegarem à cidade sinistrada, deparou-se-lhes um ambiente desolador: o bairro do Liro estava atolado de lama que lhes chegava aos joelhos, e o bairro da Canata tinha água quase com um metro e meio de altura.

Oferecidos os préstimos ao comando das operações, dois elementos foram logo enviados para o bairro da Canata, para ali fazerem uma batida. Os restantes foram empregados na remoção de lama dos estabelecimentos e das casas particulares. Eram apenas 7 horas da manhã... e só pararam, tendo de permeio um curto intervalo de descanso, às 7 horas da tarde!

À noite, voltaram para Benguela, mas no dia seguinte foi necessário acorrer aos apelos que eram feitos do Lobito. Regressados ali, foram colocados na Canata com um rádio transmissor-receptor, com a missão de verem quem precisava de auxílio, pois havia pontos em que as águas eram mais altas que um homem. Além disso, estavam incumbidos de retirar tudo o que pudessem das casas alagadas, a fim de ser colocado em lugar seguro.

Os escoteiros improvisaram duas jangadas com pneus de tractor que conseguiram descobrir, as quais foram de imensa utilidade. Os rapazes do 39 mostraram que estavam à altura de servir, de serem sempre prontos.

Todos os trabalhos levaram eles a efeito: missões de reconhecimento, removeram lamas, fizeram listas, entregaram víveres e roupas aos mais necessitados, aplicaram primeiros-socorros a sinistrados e, na própria hora de descanso, ajudaram a descarregar camionetas que chegavam de todo o lado, carregadas com dádivas.

Mais uma vez se provou que o Escotismo é uma escola que estimula os jovens a colocarem os seus talentos ao serviço do próximo. Bem hajam os escoteiros de Benguela pelo exemplo de espírito de iniciativa de que deram mostras!

A I Exposição Itinerante da Imprensa Escotista Mundial

O que alguns visitantes da Exposição nos disseram

Sempre Pronto aproveitou para entrevistar ràpidamente alguns visitantes da Exposição. Aproveitámos, por isso, a presença do sr. José Moutinho, que foi escoteiro do Grupo n.º 53 da A.C.M. do Porto, para lhe perguntar:

— *Gostou da Exposição?*

— Acho que está muito interessante e o que se fez no Porto deveria ser feito em todo o país.

— *Qual foi a sua impressão do nível da Imprensa Escotista Mundial?*

— Pareceu-me bastante boa, tendo fotografias elucidativas.

— *Está satisfeito em ser assinante do «Sempre Pronto»?*

— Estou satisfeito porque sai sempre todos os meses, o que peca é por ter poucas fotografias e desenhos de trabalhos técnicos escotistas.

Ouvimos depois o sr. Domingos da Silva Duarte, chefe do Agrupamento 29 do C.N.E., de S. Martinho de Dume, Braga:

— *Diga-me, gostou da Exposição?*

— Achei óptima, foi uma grande ideia do vosso jornal.

— *Acha que a Exposição deveria ir a Braga?*

— Acho que sim, seria óptimo.

— *Já conhecia o «Sempre Pronto»?*

— Não conhecia, fiquei agora conhecendo na Exposição.

— *Diga-me que diferença encontrou entre a imprensa escoteira nacional e estrangeira?*

— Acho que a imprensa estrangeira tem mais fotografias e trabalhos técnicos, o que desperta mais interesse em toda a juventude escotista.

Ao Guia da Equipa «Vasco da Gama» do Agrupamento 300 do C.N.E., Manuel M. C. Azevedo, perguntámos:

— *Que me dizes sobre a ideia de promover esta Exposição?*

— Foi formidável a propaganda da Imprensa Escotista, a qual dá bastantes conhecimentos de Escotismo, em especial dos trabalhos técnicos. Os meus parabéns ao «Sempre Pronto».

De Mrs. P. Betty Barker, dirigente da «Oporto Guide Company», fundada em 1919, inquirimos:

— *Qual foi a sua impressão da nossa Exposição!*

— Acho-a interessante pelo grande número de países representados.

— *Já conhecia o «Sempre Pronto»?*

— Não. Só conhecia a revista «Flor de Lis». Foi a primeira vez que vi e li o vosso jornal e achei-o interessante.

— *Como inglesa que é, gostaria que me dissesse o que pensa do Escotismo em Portugal?*

— Penso que deveria haver mais união entre todos os escoteiros e guias das três associações existentes em Portugal.

O sr. Carlos Alberto da Costa Azevedo, chefe adjunto do Agrupamento 300 do C.N.E. e redactor do «Rumo» daquele agrupamento, disse-nos:

— Achei a Exposição excelente.

— *Deveria correr todo o país?*— inquirimos:

— Julgo que se devia desdobrar em duas exposições itinerantes, uma ao nível que está representada no Porto, grandiosa para centros evoluídos. Outra parte desdobrar-se-ia em secções menores, que percorreria os centros rurais.

— *Parece-lhe que o público se interessará pela Exposição, o público não escotista?*

— Entendo que estas exposições deveriam ser assistidas de uma publicidade capaz de levar o público a interessar-se por elas. A Exposição poderia assim levar o público geral a interessar-se pelo próprio movimento escoteiro.

— *Julga a Exposição de interesse para o Escotismo?*

— De aspecto técnico, acho que sim. No entanto, creio que a par da exposição se deveriam realizar palestras tendentes a incutir nos rapazes o gosto pela imprensa.

— *Qual foi a sua impressão da Imprensa Escoteira Mundial?*

— Encontrei-a, quase na totalidade, alheia aos problemas que afligem o Mundo de hoje.

E terminou assim o rápido inquérito feito a alguns dos muitos visitantes da Exposição.

Falcão Negro

A mais jovem publicação

Da vasta literatura que constitui a Exposição, faz parte grande número de jornais e revistas de publicação bastante recente, já que tivemos o cuidado de os solicitar expressamente para o efeito. A par destes, foram igualmente expostas diversas publicações a que atribuímos significativo valor histórico, pois que elas próprias assinalam acontecimentos que marcam datas para a história do Movimento no mundo: «*Scouter*», fundada pelo próprio B.-P. onde, num dos seus números, se inclui uma reportagem do Jambori de 1929, em que se observa uma fotografia da delegação portuguesa a cumprimentar o rei Jorge V, na presença de Baden-Powell; a fabulosa «*Boy's Life*» que nos assinala o constante progresso do Escotismo nos Estados Unidos.

Mas, para justificarmos a plena actualidade do material exposto, nem sequer ali faltava a mais jovem revista escoteira publicada em Portugal. Trata-se de RUMO, órgão do 300.º Agrupamento do C.N.E. (Paróquia de N. S do Calvário - Porto), cuja publicação se iniciou precisamente no mês de Abril, estando ali presente, portanto, o seu 1.º número.

Guardando para outro lugar comentários mais circunstanciados que a sua apreciação nos sugere, saudamos desde já o aparecimento de RUMO, augurando-lhe longa vida ao serviço da causa comum que servimos — O ESCOTISMO.

M. G.

RUMO — um novo jornal escoteiro

O 300.º Agrupamento do C.N.E. acaba de lançar o seu jornal, cuja leitura muito apreciámos. Alcides Ramos de Azevedo, director, Carlos Alberto da Costa Azevedo, editor, Padre João Alves Dias, Joaquim António Freitas Soares e G 21, redactores, constituem a equipa responsável de RUMO, uma nova publicação escoteira que promete sair trimestralmente.

Embora executado ao duplicador, com capa impressa, não se trata de um dos vulgares jornaizinhos de patrulha, cheios de interesse aliás, que constantemente vão surgindo mercê do entusiasmo de jovens escoteiros, desejosos de manifestar pùblicamente o seu pendor jornalístico, o qual, infelizmente e na maioria dos casos, fenece logo após as primeiras dificuldades, ou para melhor nos expressarmos, logo que se encontram perante a dura realidade que é manter a continuidade de um trabalho constantemente variado que, dia a dia, vai exigindo mais esforço, conhecimento, aplicação e interesse.

RUMO apresenta-se-nos como um jornal que sabe realmente o seu caminho, possuidor de colaboradores idóneos que conhecem o que é escrever para um público que nos pertence esclarecer e orientar.

Temas de interesse, serenidade de exposição e delicadeza de trato, a par de um cuidadoso trabalho de composição, a tirar o melhor partido possível do rudimentar processo de execução, dão uma ideia real do seu valor intrínseco. Discordamos até da modéstia que a si mesmo atribui, pois com os valiosos colaboradores de que dispõe e com um pouco mais de audácia, talvez fosse possível conseguir uma apresentação mais de acordo com o seu valioso conteúdo. Referimo-nos, é claro, à impressão total, embora reconheçamos, pelo nosso próprio esforço, o que isso representa de encargo e responsabilidade.

Saudamos efusivamente o aparecimento de RUMO, expressando ao seu director Alcides Ramos de Azevedo e restantes colaboradores toda a nossa simpatia e desejos de «Boa Caça».

M. G.

A transcendência das decisões

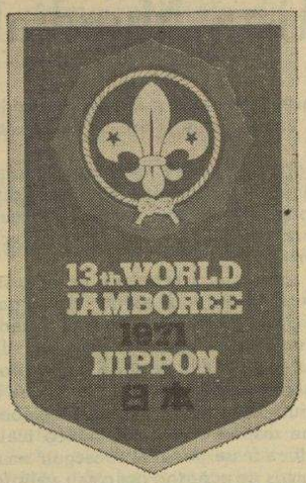
A vida é uma cadeia de decisões, algumas transcendentes, outras sem transcendência. Quais são as decisões verdadeiramente importantes? Muitos pensarão: o casamento, escolher uma profissão, mudar de emprego, etc.

Efectivamente, escolher a pessoa que nos vai acompanhar na vida é uma decisão que pode alterar o curso da nossa existência. Igualmente se escolhermos o ofício, a profissão adequada à nossa habilidade, lograremos progredir e desempenhá-la com gosto e eficiência.

Como é óbvio, tais decisões são fundamentais para o nosso futuro. Bem sabemos que, se cometemos um erro de juízo, teremos que pagar as consequências. As nossas esperanças ficarão frustradas e teremos de fazer um grande esforço para emendar o erro cometido.

Tudo isto são decisões que consideramos vitais. No entanto, outras decisões há que, ainda que pareçam pequenas e sem grande significação, podem na realidade tornar-se muito importantes e mudar completamente as nossas vidas.

As pequenas decisões que fazemos constantemente, esse processo mental de comparação e escolha que temos de efectuar em poucos segundos, são por vezes decisões altamente importantes. Por exemplo: atravessar uma rua pode significar a morte se decidirmos fazê-lo em momento impróprio. Para o trabalhador que está a realizar uma operação que oferece risco, uma má decisão, por pequena que pareça, pode causar-lhe, e aos seus companheiros, um acidente de proporções incalculáveis. — C. P. S.



DE 2 A 10 DE AGOSTO

Vem aí o XIII Jambori Mundial

Aproxima-se a data em que se iniciará o XIII Jambori Mundial.

Os Japoneses, os hospedeiros dos jovens que ali vão acorrer para tomar parte na grande festa do nosso movimento, não se têm poupado a esforços para que tudo esteja pronto na altura em que for necessário entrar em funcionamento. Por isso, há alguns anos que estão sendo levados a cabo os trabalhos de adaptação do local, de forma que fique transformado numa cidade que, embora de existência precária, pois só durará alguns dias, se mostre eficiente para receber, em boas condições, população ávida de uma actividade intensa nesse breve período.

Quem já tenha tomado parte numa destas assembleias mundiais da juventude, faz uma ideia dos inúmeros problemas que uma organização deste género acarreta. Nada poderá ser deixado à improvisação. O planeamento tem de ser cuidadosamente elaborado, de forma que as instalações e os serviços dêem as maiores garantias de eficácia quando forem chamados a funcionar.

O Japão, país que atravessa um invulgar surto de progresso, que possui recursos humanos extraordinários, senhor de uma técnica justamente conceituada em todo o mundo, não quer deixar os seus créditos por mãos alheias e, portanto, esmerou-se por que os seus hóspedes se sintam ali da melhor maneira.

O local do acampamento

O local escolhido para o acampamento, um terreno de cerca de 320 hectares, a aproximadamente 800 metros de altitude, ligeiramente em declive, pouco arborizado mas de vegetação abundante que poderia dar a este acampamento o sobrenome de «Jambori da verdura», está situado próximo de Asagiri Heights, e é dominado pelo célebre Monte Fuji, verdadeiro ex-libris do Japão, formosa montanha cónica, onde outrora crepitava um vulcão, há muito extinto. Nas proximidades, encontra-se a cidade de Fujinomiya e, mais distante, Kamakura, a antiga capital imperial. Tóquio fica a cerca de uma centena de quilómetros.

O clima da região é agradável e as temperaturas que se registam no local do Jambori oscilam entre os 18 e 26° centigrados. O mês de Agosto oferece belos dias de sol, não obstante seja de prever um dia ou outro de chuva.

Parece-nos, pois, que a localização do grande acampamento representa uma escolha feliz.

A organização do acampamento

Por outro lado, a organização do acampamento mostra-se meticulosa em extremo.

O recinto foi dividido em cinco campos de forma oval, ligados uns aos outros por estradas pavimentadas de 6 a 10 metros de largura. Estradas secundárias, com pavimento de saibro, asseguram as comunicações no interior de cada um dos campos. Estes encontram-se divididos em dois subcampos, dez ao todo, que receberam o nome de difirentes épocas históricas do povo nipónico: Yamato, Asuka, Nara, Heian, Kamakura, Muromachi, Azuchi, Edo, Meiji e Taisho. Dispõe, cada um deles, de um quartel-general, recinto para serviços religiosos, posto de abastecimentos, posto médico, instalações sanitárias, instalação eléctrica, telefone, etc.

Há ainda os serviços centrais do Jambori, com o respectivo quartel-general central, a recepção, o serviço de relações públicas, o *Jamboree Journal*, programa do Jambori, transportes, serviços de abastecimento, hospital com 100 camas, correios e telégrafos, posto de rádio, além dos serviços comerciais e de estabelecimentos para venda de artigos diversos, recordações, *scout shop*, fotografia, lavandaria, refrescos, banco, câmbios, informações, parques para automóveis, etc.

Os recintos para reuniões

Como é tradicional nos Jamboris, foi construída uma arena, com iluminação, que tem capacidade para 70 000 pessoas. O tablado para as representações forma um semicírculo de 160 metros de diâmetro. É aqui que se realizarão os grandes espectáculos, tais como as cerimónias de abertura e de encerramento, os grandes fogos de conselho e demonstrações em escala larga.

Há também o Grande Círculo Central, espaçoso terreno próprio para exibições e realização doutras actividades. Será o ponto de reunião dos escoteiros para conversarem com os seus camaradas, estabelecerem novas amizades e fazerem trocas de insignias e recordações.

Actividades previstas

Estão projectadas diversas actividades que muito hão-de interessar os forasteiros, tais como visitas de vários dias, em autocarro, comboio, barco ou *ferry-boat*, às mais importantes cidades e pontos turísticos do Japão.

Outras actividades podem ser efectuadas próximo do local do Jambori: seguimento de pistas, pedestrianismo e a subida ao monte Fuji.

Próximo fica o Lago Tanuki, onde se realizarão diversos passatempos: canoagem, vela e pesca. Como a temperatura deste lago não permite a natação, foi construída uma piscina perto do Jambori.

Eis a descrição, muito sumária, da forma como a *Boy Scouts of Nippon* organizou o XIII Jambori Mundial, onde aguarda a presença de 20 000 participantes, 8 000 dos quais serão do próprio Japão.

Não deve ser fácil a ida ali de uma delegação, ainda que simbólica, de escoteiros portugueses. É pena que tal não aconteça, visto que são muito antigas as ligações entre os dois povos. Não esqueçamos que, entre os povos europeus, em meados do século XVI, foi Fernão Mendes Pinto e os seus companheiros, quem primeiro visitou aquelas longínquas paragens. Na sua famosa *Peregrinação*, Mendes Pinto conta, além de fabulosas aventuras, a façanha de ter dado a conhecer a pólvora aos Japoneses, bem como o uso das armas de fogo.

A insígnia do Jambori

A insígnia do Jambori, que publicamos nesta página, representa, ao alto, o Espelho Sagrado da Casa Imperial com a insígnia do Escotismo Mundial ao centro. Em baixo, a legenda *13 th. World Jamboree, 1971, Nippon*, sendo esta última palavra repetida em caracteres nipónicos.

O Espelho Sagrado simboliza os sentimentos religiosos e as tradições do povo japonês. É considerado o símbolo da paz e da harmonia, afecto e respeito, simplicidade e serenidade, pureza e sinceridade, ou seja uma verdadeira interpretação do espírito escotista. Este espelho constitui também o elemento central da insígnia da própria associação dos escoteiros nipónicos.

O lema do Jambori

Aliás, são estes sentimentos que se procuram traduzir no lema adoptado para este Jambori: *FOR UNDERSTANDING*, isto é, «*Em prol do Entendimento*» ou «*Para o Entendimento*».

Que o XIII Jambori Mundial consiga efectivamente contribuir decisivamente para a boa compreensão dos povos, no amor à paz e à cordialidade.

DE MÊS PARA MÊS

Uma pirâmide simbólica

Aquela pirâmide que escoteiros das duas associações portugueses fizeram erguer na sala onde se apresentou no Porto a Exposição da Imprensa Escoteira Mundial, pareceu-nos ser um símbolo e uma promessa.

Estava feita com estandartes das unidades nortenhas das Guias de Portugal, do Corpo Nacional de Escutas e dos Escoteiros de Portugal. De certa maneira, a pirâmide era o resultado do belo espírito de colaboração que reinou naquela actividade, portanto, o símbolo desse espírito e a promessa de que a permanecer esse sentimento poderemos também erguer — e bem alto — o Escotismo Nacional.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número duplo avulso: 5$00 — Assinatura anual: 30$00